

Macau 澳門

FRONTEIRAS

ACESSO FACILITADO

Tecnologia e cooperação elevam eficiência nos postos fronteiriços, abrindo caminho a mais visitantes internacionais



ZONA DE COOPERAÇÃO

Cinco anos de integração regional

POLÍCIA TURÍSTICA

O lado humano da segurança



FUNDAÇÃO MACAU

Wu Zhiliang traça rumo para futuro

Coleccione Selos
de Macau

收 澳 郵 藏 門 票

Collect
Macao's Stamps

17/09/2026

橫琴粵澳深度合作區成立五周年

5.º Aniversário do Estabelecimento da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin
5th Anniversary of the Establishment of the Guangdong-Macao In-Depth Cooperation Zone in Hengqin



集郵微信QRcode



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <https://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau





PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social do Governo da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804, Edifício China Plaza, 15.º andar, Macau

TEL. (+853) 2833 2886 | **FAX** (+853) 2835 5426
info@gcs.gov.mo | www.gcs.gov.mo

DIRECTOR

Wong Lok I

DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

EDITORES EXECUTIVOS

Ana Costa Macedo, Daniel Wong

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

TEAM Publicações e Consultoria Lda.
Avenida da Praia Grande, n.º 763,
Edifício Lun Pong, 9.º andar B, Macau

TEL. (+853) 2835 3934 | **FAX** (+853) 2835 3934
revistamacau@teampublishing.com.mo
www.teampublishing.com.mo

EDITOR

Tiago Azevedo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Emanuel Graça

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Katrina Wong

TIRAGEM

750 exemplares

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

ISSN

0871-004X

Escaneie o nosso código QR e siga-nos nas redes sociais:



FACEBOOK



INSTAGRAM



X

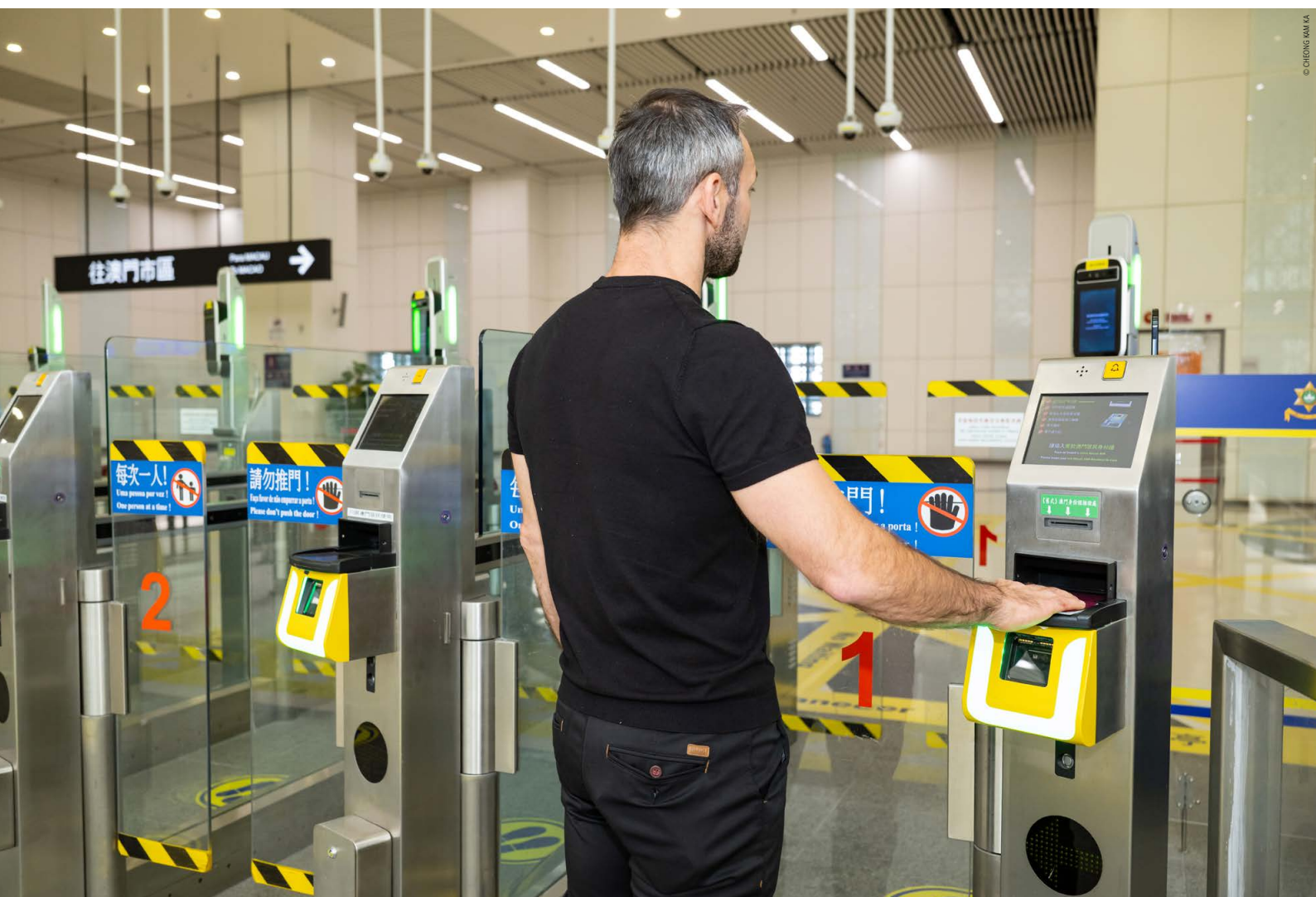
App da Revista Macau disponível em:



Website:



www.revistamacau.com.mo



FRONTEIRAS EM TRANSFORMAÇÃO

De uma duração de alguns minutos numa passagem fronteiriça manual para meros segundos num canal automático. Mais eficientes e inteligentes, os postos fronteiriços acompanham uma Macau cada vez mais aberta, integrada e conectada ao exterior **8**



Polícia Turística ao lado de quem visita

Nas ruas de Macau, segurança e hospitalidade caminham lado a lado. A Polícia Turística patrulha, orienta e ajuda os visitantes, numa missão em que a proximidade é tão importante como a autoridade **22**



ENTREVISTA

Fundação Macau e um legado em construção

A assinalar 25 anos, a Fundação Macau olha, pela mão do presidente, Wu Zhiliang, para o caminho percorrido, enquanto prepara uma nova etapa **44**

Cinco anos a unir Macau e Hengqin

Criada em 2021, a Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin promove um modelo único de integração regional **30**



Mio Pang Fei por quem o conheceu

A propósito da retrospectiva sobre o pintor no Museu de Arte, a Revista Macau traça o retrato do artista pelas linhas de quem com ele privou **58**

OUTROS TEMAS

PASTELARIA FONG KEI

Quatro gerações, um mesmo sabor **40**



CÔNSUL HONORÁRIO

Eric Ho quer Cabo Verde mais perto de Macau **52**

Jardins de Suzhou: natureza e património **64**

Desporto escolar, o berço do talento **66**

FOTOGALERIA

Festival entrega cidade aos jovens e à dança **74**

+MACAU

Frederico Cordeiro e a vida ao ritmo de Macau **78**

Memórias à mesa do chef Pan Sihui **83**

Roteiro **86**

POLÍTICA



© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Terceiro Plano Quinquenal busca desenvolvimento de alta qualidade

O Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) divulgou em Agosto a versão final do 3.º Plano Quinquenal de Desenvolvimento Socioeconómico da RAEM (2026-2030). O documento traça as metas para os próximos cinco anos, com 35 indicadores principais de desenvolvimento socioeconómico.

Durante a apresentação, o Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, salientou que o 3.º Plano Quinquenal é um roteiro e um documento orientador para a RAEM avançar rumo a uma nova fase de desenvolvimento de alta qualidade. Até 2030, acrescentou, Macau concentrar-se-á na promoção de quatro grandes tarefas.

Tal inclui utilizar os quatro grandes projectos anteriormente anunciados – a Cidade (Universitária) de Educação Internacional de Macau e Hengqin, o Parque Industrial de

Investigação e Desenvolvimento das Ciências e Tecnologias de Macau, a Zona Internacional de Turismo e Cultura Integrados de Macau e o Hub (Porto) de Transporte Aéreo Internacional de Macau na margem oeste do Rio das Pérolas –, assim como o futuro Fundo de Orientação Governamental, como alavancas para impulsionar a diversificação adequada da economia local.

Ainda na lista das grandes tarefas para os próximos cinco anos, segundo o Chefe do Executivo, estão o aprofundamento do desenvolvimento integrado Macau-Hengqin e a construção de alta qualidade da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin, a aceleração da renovação urbana da RAEM e o reforço das interligações internas e externas da cidade, aprofundando a integração e o contributo de Macau no âmbito da conjuntura do desenvolvimento nacional. ■

COOPERAÇÃO

Macau e Fujian reforçam laços

O Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, deslocou-se, em Agosto, à província de Fujian, visando promover as relações bilaterais. A visita ficou marcada pela 5.ª Reunião da Cooperação Fujian-Macau, realizada em Fuzhou, com a participação de delegações de ambos os governos.

Durante o encontro, as partes consideraram que o relacionamento entre Fujian e Macau assenta em bases sólidas, com resultados frutíferos e perspectivas promissoras. Os dois governos comprometeram-se a trabalhar em conjunto e de forma recíproca para abrirem um novo capítulo na cooperação bilateral, caracterizado pela complementaridade de vantagens e pelo desenvolvimento comum.

Foram ainda assinados diversos acordos entre os dois lados, nomeadamente ligados à promoção da internacionalização das empresas de Fujian, à expansão da cooperação turística Fujian-Macau, ao intercâmbio entre jovens e à expansão do intercâmbio cultural, bem como nos campos da saúde e do ensino superior. ■



© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

5.ª Reunião da Cooperação Fujian-Macau

IDENTIDADE

Novos itens adicionados ao Inventário do Património Cultural Intangível

A fim de reforçar a salvaguarda do património cultural intangível de Macau, o Instituto Cultural (IC) anunciou em Agosto a inclusão de 28 novas manifestações no Inventário do Património Cultural Intangível da cidade.

Os novos elementos contemplam várias categorias. Entre os itens, constam as canções macaenses, a devoção e procissão de Nossa Senhora dos Remédios ou ainda o típico Chá Gordo macaense. Há também espaço para a preparação de pão de costeleta

de porco (o popular “chu pa pao”) ou para os costumes da refeição do tipo “yum cha”.

Algumas destas manifestações culturais foram objecto de um processo de selecção e levantamento sistemático levado a cabo pelo IC. Outras foram propostas por grupos locais ou a título individual.

O Inventário do Património Cultural Intangível de Macau abrange actualmente um total de 98 manifestações. Ao lote agora adicionado, somam-se outros dois, inscritos em 2017 e em 2020. ■



O Chá Gordo macaense foi um dos itens adicionados

FRASE



“O Governo da RAEM continuará a aperfeiçoar os mecanismos de formação de **quadros qualificados da área do Direito**, conjugando as vantagens que Macau possui e o seu posicionamento para reforçar a **formação de juristas bilingues** em chinês e português”

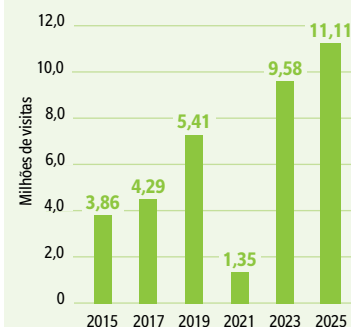
Wong Sio Chak

Secretário para a Administração e Justiça

GRÁFICO

Ver para aprender

Visitas a museus de Macau



FONTE: DSEC

Os museus de Macau estão a atrair cada vez mais visitantes. Não só o número deste tipo de espaços aumentou significativamente ao longo da última década – passou de 22 em 2015 para 39 no ano passado – como subiu em flecha o número de visitas registadas. ■

NÚMERO

202



Sites de “phishing” bloqueados pelas autoridades locais no primeiro semestre de 2026, visando um combate eficaz a este tipo de criminalidade. ■



Feira de sucesso

Mais de 90 mil visitantes marcaram presença na Feira de Produtos de Marca da Província de Guangdong e Macau 2026, que decorreu no complexo do The Venetian Macao entre 6 e 9 de Agosto. Co-organizado pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento

de Macau e pelo Departamento do Comércio da Província de Guangdong, o evento recebeu cerca de 1600 visitantes profissionais e resultou na realização de mais de 460 encontros comerciais e na assinatura de 49 acordos de cooperação. ■ CRÉDITO: IPIM



Regresso a casa

O Edifício do Antigo Tribunal voltou oficialmente ao “ativo”: o complexo, construído em 1951 e com profunda ligação histórica aos órgãos judiciais de Macau até 2003, acolhe agora o Tribunal de Última Instância (TUI), após extensa renovação. O Chefe do Executivo, Sam Hou Fai (dir.), acompanhado pela presidente do TUI, Song Man Lei (esq.), presidiu à cerimónia de (re)inauguração, que decorreu no dia 27 de Julho. ■

CRÉDITO: GABINETE DO PRESIDENTE DO TUI



Promover as vantagens de Macau

Uma delegação empresarial organizada pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento marcou presença no Encontro de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa – Maputo – 2026, que se realizou na capital moçambicana a 23 e 24 de Julho. O encontro contou com a participação de mais de 350 representantes governamentais e empresariais do Interior da China (incluindo de Hengqin), de Moçambique e de Macau. ■ CRÉDITO: IPIM

UMA PORTA DE ENTRADA MAIS CONVENIENTE

Texto **Cherry Chan**
Fotografia **Cheong Kam Ka**



Macau registou mais de 6,27 milhões de movimentos de cidadãos estrangeiros em 2025

Fronteiras mais rápidas, menos burocracia e novas soluções tecnológicas. O Corpo de Polícia de Segurança Pública tem vindo a simplificar a entrada e saída da cidade, facilitando a vida aos estrangeiros e reforçando as ligações de Macau ao Interior da China e ao resto do mundo

Há duas décadas, os procedimentos de passagem fronteiriça em Macau dependiam inteiramente da inspecção manual. Em 2005, foram introduzidos os canais de passagem automática, que, entretanto, se tornaram numa das principais formas de entrada e saída de Macau para residentes locais, do Interior da China e de Hong Kong.

Desde os tradicionais canais automáticos de “duas portas”, que recorrem à leitura de documentos e à digitalização das impressões digitais, até aos canais de inspecção fronteiriça integral de “três portas” entre o Interior da China e Macau, a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) tem apostado na cooperação regional e na tecnologia para tornar as fronteiras mais eficientes.

Nesse sentido, o Corpo de Polícia de Segurança Pública (CPSP) tem vindo a desenvolver continuamente medidas destinadas a facilitar os procedimentos de entrada e saída da cidade. Em articulação com a Direcção dos Serviços das Forças de Segurança de Macau, a Estação Geral de Inspeção Fronteiriça de Zhuhai e o Departamento de Imigração de Hong Kong, têm sido implementadas soluções destinadas a otimizar o controlo fronteiriço e a simplificar os procedimentos de inspecção, inclusive para estrangeiros.

O objectivo passa não apenas por facilitar a circulação de pessoas, mas também por reforçar o papel de Macau enquanto plataforma de abertura ao exterior de nível mais elevado. Códigos QR, reconhecimento da íris e reconhecimento facial inteligente fazem hoje parte das soluções utilizadas para simplificar os procedimentos de entrada e saída, sem comprometer a segurança fronteiriça.

Esta aposta acompanha o posicionamento da RAEM como “Um Centro, Uma Plataforma e Uma Base”, “um pólo” e a crescente projecção internacional da cidade enquanto plataforma entre a China e

os países de língua portuguesa, centro mundial de turismo e lazer e destino de convenções, exposições, desporto e entretenimento.

MAIS PAÍSES, MENOS BARREIRAS

A dimensão do desafio é considerável. Em 2025, Macau registou mais de 6,27 milhões de movimentos de cidadãos estrangeiros, incluindo turistas, trabalhadores estrangeiros e estudantes estrangeiros, um aumento de 14,5 por cento em relação a 2024. Aproximadamente 124 mil movimentos efectuados por indivíduos estrangeiros utilizaram os canais automáticos em 2025, um crescimento de 65,4 por cento em relação ao ano anterior.

De Janeiro a Junho deste ano, Macau registou cerca de 3,27 milhões de movimentos de indivíduos estrangeiros, 76 mil dos quais realizados através dos canais de passagem automática, representando aumentos de 6,5 por cento e 32,6 por cento, respectivamente, em comparação com o mesmo período de 2025.

Segundo o chefe do Departamento de Controlo Fronteiriço do CPSP, Lao Ka Weng, “para facilitar a vinda de cidadãos estrangeiros a Macau, desde o ano passado foram acrescentados vários países cujos cidadãos podem entrar na RAEM com isenção de visto ou mediante autorização prévia de entrada”. Actualmente, a medida abrange 88 países, acrescentou.

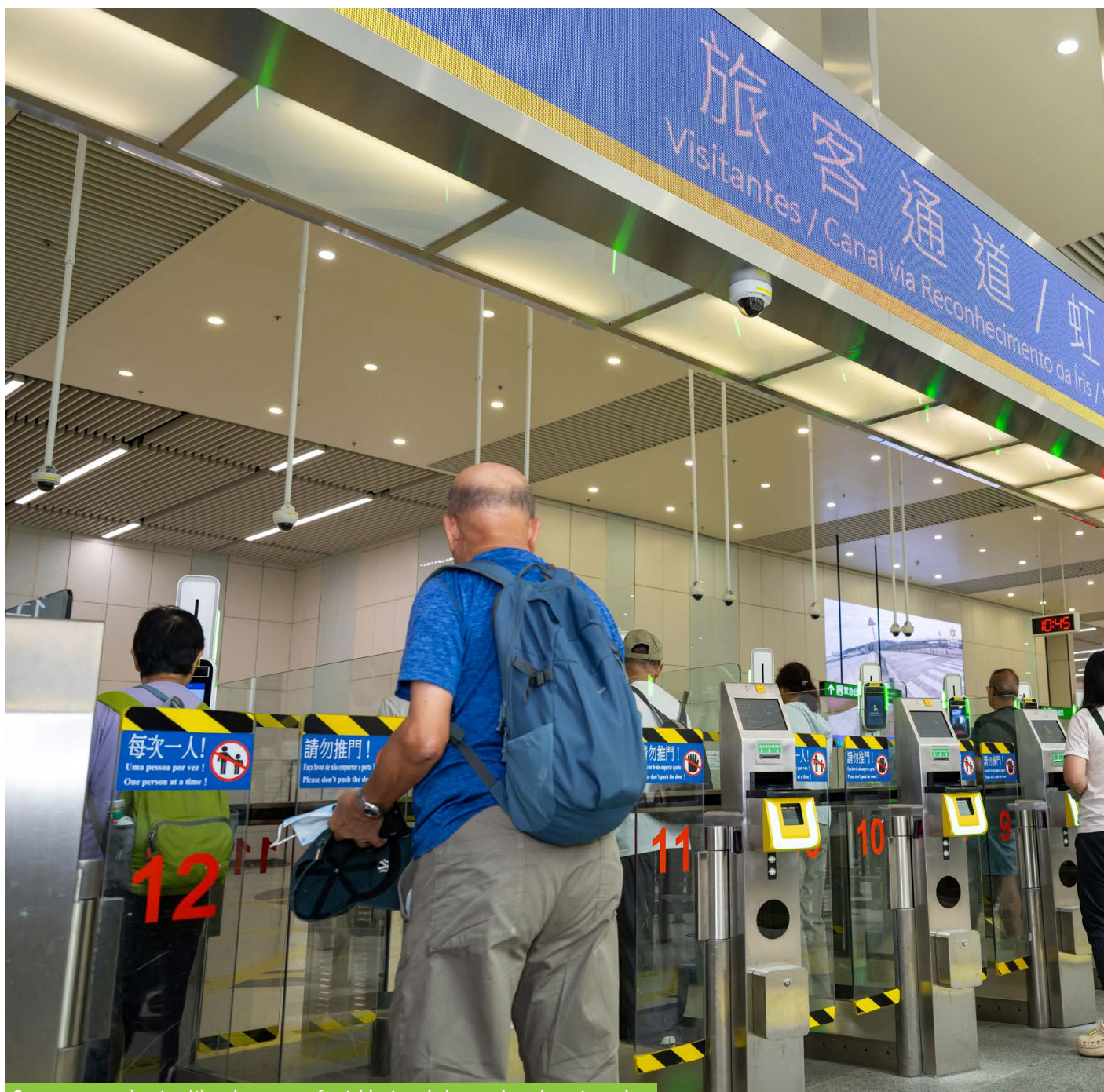
O representante adiantou que “quanto à grande maioria dos restantes visitantes estrangeiros que não beneficiam de isenção de visto, estes podem requerer, à chegada a Macau, nos postos fronteiriços, uma autorização de entrada e permanência”, vulgarmente conhecida como “visto à chegada”.

A simplificação não se limita aos vistos. O acesso aos canais automáticos também tem vindo a ser alargado a visitantes internacionais.

“Com o objectivo de aumentar a eficiência dos procedimentos fronteiriços e melhorar a expe-

riência dos visitantes internacionais, em 2024 e 2025, o CPSP alargou sucessivamente a utilização dos canais automáticos de Macau a visitantes de Singapura, Portugal, Brasil, Alemanha, França,

Malásia e Espanha”, realçou o mesmo responsável. “Com os visitantes da Austrália e da Coreia do Sul, que já estavam abrangidos, visitantes de nove países podem actualmente efectuar o registo para



O acesso aos canais automáticos de passagem fronteiriça tem vindo a ser alargado a estrangeiros

utilizar os tradicionais canais automáticos de ‘duas portas’ de Macau.”

Os visitantes estrangeiros entram e saem actualmente de Macau sobretudo através das Portas do

Cerco, do Posto Fronteiriço da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, dos terminais marítimos do Porto Exterior e Taipa e do Aeroporto Internacional de Macau, de acordo com dados das autoridades.

UMA PASSAGEM CADA VEZ MAIS INTEGRADA

A par da abertura ao exterior, a crescente integração de Macau na Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e na Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin tem aumentando a frequência das deslocações entre Guangdong e Macau.

É neste contexto que surgem os canais de inspecção integral automáticos, que permitem simplificar a passagem entre as duas jurisdições.

“Após consultas entre o Corpo de Polícia de Segurança Pública e a Estação Geral de Inspeção Fronteiriça de Zhuhai, a partir de 28 de Outubro de 2024 foi lançado, a título experimental, no Posto Fronteiriço de Hengqin, um alargamento dos utilizadores elegíveis dos canais de inspecção integral automáticos, passando a abranger três novas categorias de titulares de passaportes estrangeiros”, de acordo com Lao Ka Weng.

Depois de concluídos os procedimentos de registo para a passagem automática nas fronteiras do Interior da China e de Macau, estes podem utilizar os canais de inspecção integral automáticos daquele posto fronteiriço. A 26 de Janeiro de 2026, esta medida foi alargada ao posto fronteiriço da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau (Salas de Inspeção Zhuhai-Macau), afirmou o representante.

Depois de efectuado o registo, os cidadãos estrangeiros elegíveis podem igualmente utilizar os tradicionais canais automáticos de “duas portas” nas Portas do Cerco, nos terminais marítimos do Porto Exterior, da Taipa e do Porto Interior, no Aeroporto Internacional de Macau e no posto fronteiriço da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau (Salas de Inspeção Hong Kong-Macau).

O objectivo é reduzir o tempo necessário para atravessar a fronteira e tornar mais simples a circulação não apenas dos residentes, mas também dos visitantes internacionais que se deslocam entre o Interior da China e Macau.

A Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau abriu uma



nova porta de entrada para quem chega à RAEM através do Aeroporto Internacional de Hong Kong. Desde Junho de 2025, uma nova medida tornou esse percurso ainda mais simples para determinados visitantes estrangeiros: cumprir as formalidades fronteiriças sem sair do automóvel.

“Desde 9 de Junho de 2025, o Posto Fronteiriço de Macau da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau permite que visitantes estrangeiros elegíveis, que viajem em veículos com capacidade máxima de nove lugares, efectuem os procedimentos de entrada e saída através das faixas destinadas a veículos”, salientou o chefe do Departamento de Controlo Fronteiriço do CPSP.

“Os visitantes internacionais isentos de visto para Macau podem, munidos de passaporte válido, efectuar os procedimentos de entrada sem sair do veículo através das faixas de entrada daquele posto fronteiriço. Os visitantes internacionais que não beneficiem de isenção de visto podem efectuar os procedimentos de entrada na sala de inspecção

destinada aos passageiros dos veículos”, afirmou Lao Ka Weng. “Todos os visitantes estrangeiros titulares de passaporte válido podem efectuar os procedimentos de saída sem sair do veículo através das respectivas faixas de saída”, acrescentou.

A medida reduz, para os passageiros elegíveis, o tempo necessário para concluir a passagem transfronteiriça.

REFORÇAR O POSICIONAMENTO DE MACAU

As medidas de facilitação fronteiriça têm também uma dimensão económica e turística. Para grandes eventos internacionais realizados em Macau, o CPSP dispõe de mecanismos destinados a acelerar a passagem dos participantes.

“Por exemplo, durante a realização de eventos como a Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) e da Reunião Ministerial do Turismo da APEC

“Desde o ano passado, foram acrescentados vários países cujos cidadãos podem entrar na RAEM com isenção de visto ou mediante autorização prévia de entrada”

LAO KA WENG

Chefe do Departamento de Controlo Fronteiriço do CPSP





Com o avanço da tecnologia, a passagem de veículos ficou também bastante facilitada

[Cooperação Económica da Ásia-Pacífico], o CPSP coopera com as entidades organizadoras, criando canais verdes específicos nos postos fronteiriços para permitir uma passagem rápida dos participantes e contribuir para o estabelecimento de uma boa imagem internacional de Macau enquanto destino de convenções e exposições”, referiu Lao Ka Weng.

Uma outra mudança está a permitir que Macau funcione cada vez mais como ponto de partida para descobrir cidades do Interior da China.

Segundo o dirigente do CPSP, “desde a aplicação, em Novembro de 2025, nos postos fronteiriços de Hengqin e da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau” da política do Interior da China de “trânsito sem visto de 240 horas”, os visitantes estrangeiros elegíveis podem entrar, a partir de Macau e através destes dois postos fronteiriços, em determinadas regiões do Interior da China, onde podem permanecer por um período não superior a dez dias. Esta medida “não só facilita as actividades turísticas e comerciais dos visitantes estrangeiros entre o Interior da China e Macau, como também cria condições favoráveis para que as cidades da Grande Baía e Macau desenvolvam conjuntamente o turismo de ‘um iti-

nerário, vários destinos””, realçou Lao Ka Weng.

O CPSP “tem também cooperado activamente com o sector turístico na promoção desta medida, reforçando ainda mais o papel de Macau enquanto plataforma de ligação entre o Interior da China e o resto do mundo”, adiantou o mesmo responsável.

A transformação tecnológica deverá, entretanto, continuar. De acordo com o chefe do Departamento de Controlo Fronteiriço, o CPSP “continuará a desenvolver, com uma abordagem inovadora, mais medidas destinadas a facilitar a passagem fronteiriça”.

Entre as medidas em estudo estão o reforço da cooperação com o Interior da China para facilitar as deslocações de cidadãos estrangeiros entre Macau e Zhuhai e entre Macau e Hengqin, o alargamento dos canais automáticos a visitantes de mais países e a optimização dos procedimentos de autorização prévia de entrada.

Duas décadas depois da introdução dos primeiros canais automáticos, a tecnologia está assim a mudar não apenas a forma de atravessar as fronteiras de Macau, mas também a facilidade com que a cidade se liga à Grande Baía e ao resto do mundo. ■

VER
VÍDEO
AQUI



Fronteiras em modo automático

De alguns minutos para uma passagem manual, para apenas 10 a 12 segundos através de um canal automático. Em pouco mais de duas décadas, a tecnologia transformou a forma como se entra e sai de Macau, tornando a passagem fronteiriça mais rápida e simples. Impressões digitais, reconhecimento facial e da íris, códigos QR e sistemas que permitem concluir simultaneamente as formalidades de Macau e de Zhuhai fazem hoje parte de uma rotina que abrange milhões de movimentos todos os meses.

Desde 2005, quando Macau introduziu o sistema de passagem fronteiriça automática, estes canais tornaram-se habituais nos postos fronteiriços. Actualmente, coexistem com a inspecção manual e dividem-se essencialmente entre canais automáticos de “duas portas” e de “três portas”, estes últimos baseados no modelo de “inspecção fronteiriça integral” entre o Interior da China e Macau.

A utilização destes sistemas está a ser progressivamente alargada aos visitantes internacionais. Cidadãos da Austrália, Coreia do Sul, Singapura, Portugal, Brasil, Alemanha, França, Malásia e Espanha podem actualmente efectuar o registo necessário para utilizar os tradicionais canais automáticos de “duas portas” nas entradas e saídas de Macau.

Para facilitar as deslocações entre o Interior da China e Macau, o Corpo de Polícia de Segurança Pública (CPSP), após consultas com a Estação Geral de Inspecção Fronteiriça de Zhuhai, alargou igualmente o

universo de utilizadores elegíveis dos canais de inspecção integral automáticos em Hengqin e nas Salas de Inspecção Zhuhai-Macau da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau. Titulares de passaportes estrangeiros que preencham determinadas condições podem agora efectuar o registo para utilizar estes canais e recorrer também aos tradicionais canais automáticos de “duas portas” noutros postos fronteiriços. Estes canais estão disponíveis em postos como as Portas do Cerco, os terminais marítimos do Porto Exterior, da Taipa e do Porto Interior, o Aeroporto Internacional de Macau e a Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau (Salas de Inspecção Hong Kong-Macau).

O processo é diferente nos postos que disponham de canais de inspecção fronteiriça integral, como Hengqin ou as Salas de Inspecção Zhuhai-Macau da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau. Aqui, os canais de “três portas” permitem concluir num único processo os procedimentos de saída de uma jurisdição e de entrada na outra.

Da impressão digital à íris

Ao longo de mais de 20 anos, a tecnologia de identificação também evoluiu. Inicialmente baseada apenas na impressão digital, passou progressivamente a incorporar o reconhecimento facial e da íris.

Até recentemente, os cidadãos estrangeiros que recorriam aos canais de passagem automática de “duas portas” tinham de validar a sua identidade através da combinação de

reconhecimento facial e impressão digital. Desde 11 de Junho, titulares do Título de Identificação de Trabalhador Não Residente ou de uma “Autorização Especial de Permanência” para estudantes estrangeiros podem registar-se para utilizar os canais automáticos com reconhecimento facial e da íris, em alternativa à combinação de reconhecimento facial e impressão digital.

Esta última tecnologia trouxe uma alternativa particularmente útil para quem tem dificuldade em utilizar o sistema tradicional devido à baixa nitidez das impressões digitais, além de reforçar as medidas de protecção sanitária.

O reconhecimento da íris poderá, no futuro, chegar a um número ainda maior de viajantes. Segundo o chefe do Departamento de Controlo Fronteiriço do CPSP, Lao Ka Weng, está a ser estudado o alargamento desta tecnologia a mais situações no âmbito dos procedimentos de imigração, com o objectivo de facilitar a passagem de mais pessoas e, ao mesmo tempo, aumentar a eficiência dos canais automáticos.

A biometria é apenas uma das tecnologias utilizadas. Os titulares do Bilhete de Identidade de Residente da Região Administrativa Especial de Macau podem associar a identidade electrónica à conta da aplicação “Conta Única de Macau” e utilizar o telemóvel para atravessar a fronteira. Basta digitalizar nos canais automáticos de “duas portas” o código QR “Minha passagem fronteiriça” e, confirmada

80%

Percentagem dos movimentos de entrada e saída de Macau no primeiro semestre de 2026 efectuados através de canais automáticos



Macau introduziu, em 2005, o sistema de passagem fronteiriça automática



O Posto Fronteiriço de Macau da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau foi a principal fronteira utilizada por cidadãos estrangeiros no ano passado

a identidade, prosseguir com os restantes procedimentos.

A solução abrange também as deslocações entre Macau e Hong Kong, através dos respectivos “códigos QR de passagem fronteiriça Hong Kong-Macau”. Combinado com o reconhecimento da íris, o sistema permite uma passagem totalmente

“sem contacto” e reduz o tempo de verificação em um a dois segundos face ao modelo tradicional da passagem automática, segundo o CPSP.

Duas fronteiras numa só passagem

É na ligação com Zhuhai e Hengqin que a automatização vai mais

longe. O modelo de “inspecção fronteiriça integral” concentra num único local – dada a proximidade geográfica – os procedimentos de saída e entrada. A solução exige uma estreita cooperação entre os serviços competentes dos dois lados, tanto para estabelecer procedimentos compatíveis como para assegurar



que os utilizadores compreendem o funcionamento do sistema.

Macau implementou este modelo pela primeira vez em 2018, no posto fronteiriço da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau (Salas de Inspeção Zhuhai-Macau). Desde então, a tecnologia e o universo de utilizadores abrangidos têm vindo a

evoluir. O sistema está actualmente disponível também nos postos fronteiriços de Hengqin e Qingmao, enquanto cidadãos estrangeiros elegíveis podem utilizar os canais de inspecção integral automáticos das Salas de Inspeção Zhuhai-Macau da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau e de Hengqin.

A capacidade automática foi igualmente reforçada no Aeroporto Internacional de Macau: em 2020, o CPSP aumentou o número de canais no piso das partidas de dois para dez; em 2021, passaram de três para dez no átrio sul das chegadas e de três para oito no átrio norte. O aumento da capacidade traduziu-se também numa redução significativa do tempo necessário para atravessar a fronteira, segundo o chefe do Departamento de Controlo Fronteiriço do CPSP.

Na inspecção manual, esse tempo varia consoante as filas, mas, mesmo sem espera, o processo pode demorar algum tempo, já que o agente necessita de inspecionar e verificar a autenticidade dos documentos, bem como confirmar a identidade do titular.

De acordo com Lao Ka Weng, a utilização dos canais automáticos de “duas portas” permite concluir a inspecção do lado de Macau em cerca de 10 a 12 segundos. Já a passagem nos canais automáticos de “três portas”, segundo o modelo de “inspecção fronteiriça integral”, demora cerca de 20 segundos e permite concluir simultaneamente as inspecções de Macau e Zhuhai ou Hengqin.

Na circulação de veículos entre Macau e Hengqin, os corredores “One-Stop” concentram numa única faixa procedimentos anteriormente realizados em dois locais. A passagem demora em média

cerca de 100 segundos e pode ser concluída em apenas 50 segundos nos casos mais rápidos. Actualmente, mais de 75 por cento dos veículos transfronteiriços utilizam estes canais, que desde 18 de Agosto estão também disponíveis para condutores estrangeiros elegíveis.

Um novo normal

Duas décadas depois da introdução dos primeiros canais automáticos, a tecnologia tornou-se rotina. No primeiro semestre de 2026, cerca de 80 por cento dos movimentos de entrada e saída de Macau foram realizados através destes canais, segundo o CPSP.

Em 2025, o Posto Fronteiriço de Macau da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau foi o principal ponto de entrada e saída utilizado pelos cidadãos estrangeiros que visitaram Macau, concentrando cerca de um terço dos respectivos movimentos fronteiriços. Cerca de 20 por cento utilizaram o Aeroporto Internacional de Macau, enquanto o Terminal Marítimo do Porto Exterior, o Terminal Marítimo da Taipá e as Portas do Cerco representaram, respectivamente, 13,9 por cento, 13,6 por cento e 11,6 por cento.

A tendência deverá continuar. O estudo de soluções que permitam alargar a um maior número de cidadãos estrangeiros o mesmo nível de conveniência na entrada e saída de Macau é uma das linhas de desenvolvimento do CPSP. E, à medida que a tecnologia continua a evoluir, os poucos segundos necessários para atravessar a fronteira poderão tornar-se cada vez mais importantes numa região onde milhões de pessoas estão constantemente em movimento. ■ C.C.

O lado humano das fronteiras

Todos os dias, centenas de milhares de pessoas atravessam as fronteiras de Macau. Chegam para trabalhar, passear, visitar familiares ou descobrir a cidade pela primeira vez. Para que este movimento quase incessante decorra com rapidez e segurança, há tecnologia, planeamento e coordenação. Mas há também algo que nenhuma máquina consegue substituir: pessoas dispostas a orientar, tranquilizar e ajudar quem chega.

Em 2025, foram registados mais de 230 milhões de movimentos de utilizadores nas fronteiras de Macau, o equivalente a uma média diária de 640 mil. E os números continuam a crescer. Nos primeiros seis meses de 2026, o fluxo de entrada e saída ultrapassou 120 milhões, com uma média diária de 677 mil, mais 7,3 por cento do que no mesmo período do ano anterior.

O dia 2 de Maio de 2026 ficou, aliás, marcado por dois recordes históricos nas passagens fronteiriças de Macau: o maior fluxo total de movimentos num único dia, com 889 mil, e o maior número de entradas, com 248 mil. Números que colocam Macau entre as regiões do mundo com maior movimento de pessoas nas suas fronteiras.

Gerir diariamente um fluxo desta dimensão representa um enorme desafio. Além do controlo fronteiriço e da segurança regional, os agentes da linha da frente têm de responder a períodos de grande movimento e, simultaneamente, assegurar o contacto com quem chega à cidade.

É neste contexto que os profissionais do Corpo de Polícia de Segurança

Pública (CPSP) procuram conjugar profissionalismo, eficiência e segurança com uma dimensão menos visível, mas igualmente importante: o contacto humano com quem chega à cidade. Para além das tarefas de rotina, como a verificação de documentos e a inspecção das condições de segurança, recebem formação periódica destinada a reforçar as competências interpessoais.

Numa cidade que recebe visitantes de todo o mundo, comunicar é fundamental. Por isso, a sinalização e os avisos nos postos fronteiriços são apresentados em chinês, português e inglês, destaca o agente do CPSP Lei Wang Ngai.

“Para melhorar continuamente a qualidade do serviço, o CPSP organiza regularmente cursos de inglês e português, ministrados por formadores profissionais, com o objectivo de reforçar as competências básicas de comunicação em línguas estrangeiras do pessoal da linha da frente”, realça.

Mas nem sempre as palavras são suficientes. A agente Lou Oi Leng recorda o caso de uma turista estrangeira que se aproximou, em pânico, na zona fronteiriça. Falava tão depressa que os agentes nem conseguiam identificar se se expressava em inglês ou noutra língua. Depois de perceberem que tinha perdido o telemóvel, iniciaram imediatamente uma busca pela área de controlo fronteiriço. Até uns agentes que estavam de folga decidiram juntar-se espontaneamente à missão.

“Após mais de uma hora de buscas, conseguimos finalmente encontrar o

telemóvel. A turista voltou a sorrir e agradeceu-nos a ajuda. Embora situações como esta façam parte do nosso dia-a-dia, poder ajudar os visitantes a resolver as suas dificuldades dá-nos uma enorme sensação de realização e de cumprimento da nossa missão”, salienta Lou Oi Leng.

Preparar os dias de maior movimento

Nos períodos festivos, o aumento do número de visitantes coloca à prova as infra-estruturas fronteiriças e a coordenação entre os vários serviços. Por isso, antes dos principais feriados, o CPSP prepara medidas específicas para responder aos picos de movimento.

De acordo com Lei Wang Ngai, o CPSP “prepara planos de resposta aos períodos de maior afluência e mobiliza pessoal administrativo para apoiar a linha da frente, garantindo que o movimento nas fronteiras decorra de forma segura e ordenada”.

“O CPSP mantém uma comunicação estreita com a Estação Geral de Inspecção Fronteiriça de Zhuhai e com o Departamento de Imigração de Hong Kong, partilhando informações sobre o movimento de passageiros para permitir uma resposta coordenada nos períodos de maior afluência”, explica. Além disso, acrescenta, “os postos de controlo fronteiriço de Macau-Zhuhai e Macau-Hengqin realizam regularmente exercícios de emergência e de resposta a situações de crise, para garantir a segurança e a ordem em ambos os lados da fronteira”.



Macau registou mais de 230 milhões de movimentos de utilizadores nas fronteiras em 2025

O CPSP mantém ainda um mecanismo de contacto com os sectores hoteleiro e turístico, incentivando os visitantes a viajar fora dos horários de ponta e divulgando as normas de passagem. “Através do reforço da cooperação com o sector, procuramos fazer chegar aos visitantes informação sobre as regras de passagem nas fronteiras, a segurança rodoviária e os alertas de segurança pública em Macau”, refere Lei Wang Ngai.

Eficiência em tempo real

Com centenas de milhares de pessoas a atravessarem diariamente as fronteiras, o CPSP adapta “em tempo real” o número de canais de controlo ao movimento registado em cada posto e abre vias adicionais nos períodos de ponta para acelerar a circulação de passageiros.

A tecnologia desempenha naturalmente um papel cada vez mais importante neste processo, permitindo aumentar a eficiência e responder a volumes de passageiros que seriam difíceis de gerir apenas através dos métodos tradicionais, segundo as autoridades.

Mas uma fronteira não é feita apenas de equipamentos, sistemas automáticos e números. Por detrás de cada passagem, há uma pessoa. A tecnologia pode tornar a viagem mais rápida e eficiente, mas são muitas vezes os pequenos gestos de quem está na linha da frente que tornam a chegada a Macau mais humana.

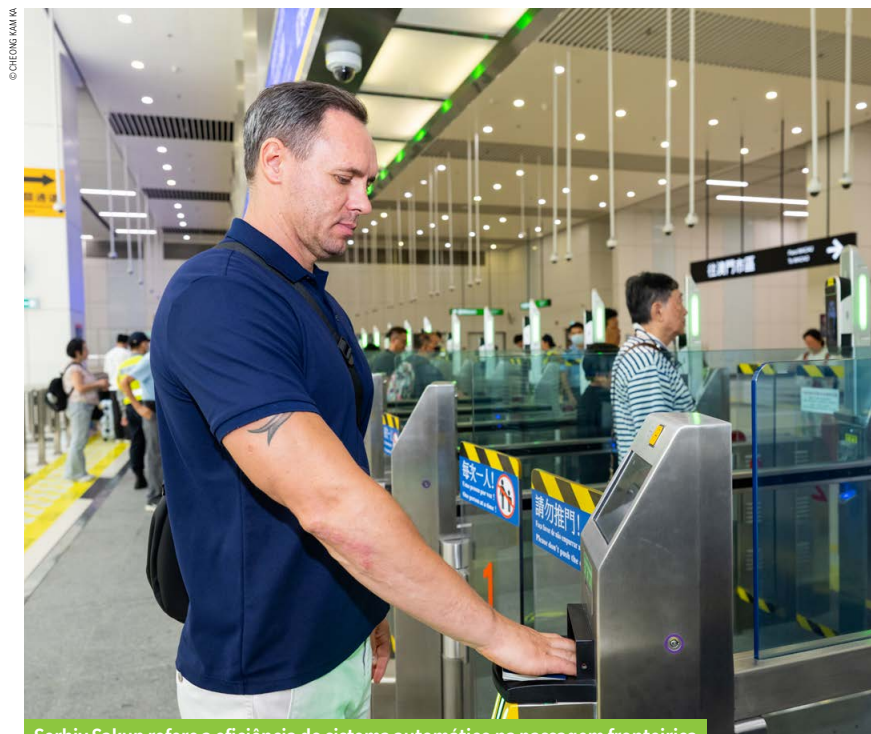
A facilidade com que se atravessa uma fronteira também pode mudar a forma como se vive uma cidade. Menos filas, menos espera e procedimentos mais simples tornam a chegada a Macau mais cómoda e podem até



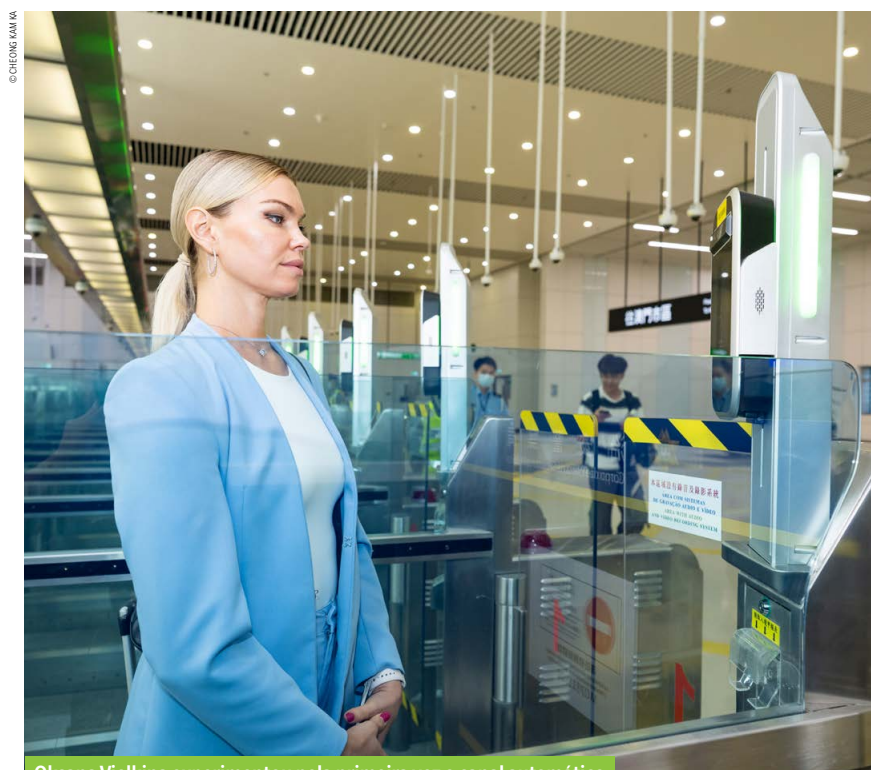
Nos períodos de maior afluência, o CPSP reforça a linha da frente para garantir um movimento fronteiriço seguro e ordenado, diz Lei Wang Ngai



Lou Oi Leng fala em sentimento de dever cumprido através da ajuda aos visitantes



Serhiy Sakun refere a eficiência do sistema automático na passagem fronteiriça



Oksana Vielkina experimentou pela primeira vez o canal automático

incentivar quem está do outro lado da fronteira a visitar a cidade com maior frequência. Para os estrangeiros elegíveis, a possibilidade de recorrer aos canais automáticos vem precisamente facilitar essa experiência.

Serhiy Sakun, da Ucrânia, conhecia bem a alternativa. Nas anteriores deslocções a Macau, recorria sempre aos canais manuais. Desta vez, depois de concluir o registo em apenas alguns minutos, a diferença foi evidente.

“Estou muito satisfeito com esta opção, pois é bastante prático passar a fronteira tão rapidamente”, salienta.

A rapidez não foi, porém, o único aspecto que o surpreendeu. “Recebi um serviço excelente e todos foram muito prestáveis, sempre com um sorriso”, destaca.

Também ucraniana, Oksana Vielkina experimentou pela primeira vez o canal automático e adaptou-se rapidamente ao novo processo. “Facilita imenso as minhas viagens, estou a adorar”, afirma. Mesmo sendo uma estreia, não encontrou dificuldades: “É fácil e uma pessoa consegue orientar-se muito rapidamente”. Para isso contribuem, acrescenta, as instruções claras e facilmente identificáveis no posto fronteiriço.

Para ambos, esta maior facilidade pode fazer diferença na hora de decidir visitar Macau – e de regressar. Oksana Vielkina lembra-se bem das esperas nos canais manuais: “Eram, por vezes, períodos longos e eu tentava evitá-los, por isso não viajava para cá com tanta frequência”. Agora, com uma passagem mais rápida e simples, essa barreira perde peso. E uma fronteira mais fácil de atravessar pode, afinal, deixar Macau um pouco mais perto de quem quer visitar a cidade. ■ C.C.

NAS RUAS, AO LADO DE QUEM VISITA

Texto **Shu Huang***

Percorrem diariamente os lugares mais visitados de Macau, entre multidões, pedidos de informação e imprevistos. Criada para responder às particularidades de uma cidade que recebe milhões de turistas, a Polícia Turística junta segurança e proximidade numa missão que vai muito além de patrulhar: orientar quem se perde, ajudar quem enfrenta dificuldades e fazer com que quem chega se sinta seguro e bem-vindo

Em locais como as Ruínas de São Paulo, o Largo do Senado ou a Rua do Cunha, entre o vaivém constante de visitantes, há uma presença que se tornou familiar na paisagem turística de Macau. Com os seus característicos uniformes azuis, os agentes da Polícia Turística percorrem diariamente algumas das zonas mais movimentadas da cidade, conjugando as funções tradicionais de segurança com uma missão igualmente importante: ajudar quem chega de fora a orientar-se e a sentir-se bem recebido.

Dar indicações, recuperar objectos perdidos, resolver dificuldades de comunicação ou

intervir perante uma emergência fazem parte de um trabalho pensado especificamente para uma cidade que recebe milhões de visitantes por ano. Criada inicialmente a título experimental, em 2015, a Polícia Turística procura contribuir não apenas para a segurança nas ruas, mas também para a imagem de Macau enquanto destino acolhedor e para a sua afirmação como “centro mundial de turismo e lazer”.

A criação de uma equipa policial vocacionada especificamente para as zonas mais visitadas nasceu das necessidades que acompanharam o próprio desenvolvimento turístico da cidade.





A Polícia Turística actua em zonas de grande afluência de visitantes para prestar apoio directo aos turistas

Lei Ieng Long, comandante substituto do Departamento Policial de Macau do Corpo de Polícia de Segurança Pública (CPSP), explica a evolução da estrutura: “Em resposta ao desenvolvimento da indústria turística de Macau, ao elevado número de visitantes e à grande concentração de pessoas nas zonas turísticas, o CPSP criou, a título experimental, a Polícia Turística em Abril de 2015. Após quase dois anos de experiência e aperfeiçoamento, esta força foi oficialmente criada a 5 de Março de 2017.”

O objectivo passava por adaptar a resposta policial às características particulares das zonas mais frequentadas pelos visitantes. Segundo Lei Ieng Long, “a criação da Polícia Turística visou aperfeiçoar o trabalho policial nas zonas turísticas,

reforçar as patrulhas e a gestão das multidões nessas áreas, bem como melhorar a qualidade dos serviços prestados aos visitantes”.

Na prática, os agentes recebem pedidos de informação e participações relativas à perda de objectos, prestam assistência aos visitantes e funcionam também como força de primeira intervenção perante emergências nas zonas turísticas, desempenhando um papel positivo no reforço da segurança pública de Macau e na melhoria da imagem da cidade como destino turístico.

A equipa cresceu significativamente desde a experiência inicial. Dos pouco mais de 30 elementos que integravam a força em 2015, a Polícia Turística passou para 97 agentes no activo, incluindo 59 homens e 38 mulheres. Do total de agentes, 60

estão destacados na península de Macau e 37 nas ilhas.

POLÍCIAS E ANFITRIÕES

Para quem visita Macau, esta presença policial pode contribuir para uma sensação de segurança, mesmo sem existir necessidade de recorrer directamente aos agentes. É o caso de Elizaveta, uma jovem russa de 17 anos que visitava a cidade com a família.

“É realmente interessante andar pelas ruas de Macau. Estamos aqui a passar o dia e vimos polícias em vários locais, o que nos faz sentir confortáveis”, realça Elizaveta. “Não pedimos ajuda a agentes da Polícia Turística, mas, de uma forma geral, a atenção dada aos visitantes estrangeiros parece muito boa e as pessoas são muito simpáticas connosco. Se fosse necessário, acho que me sentiria perfeitamente à vontade para pedir ajuda.”

“A criação da Polícia Turística visou aperfeiçoar o trabalho policial nas zonas turísticas, [...] bem como melhorar a qualidade dos serviços prestados aos visitantes”

LEI IENG LONG

Comandante substituto do Departamento Policial de Macau do CPSP





Chu Io Chong (esq.) e U Mei Kok (dir.) dizem que as suas funções contribuem para preservar a imagem de Macau enquanto cidade turística

De acordo com Lei Ieng Long, a especificidade do trabalho dos agentes da Polícia Turística começa na formação. Antes de assumirem funções, os agentes têm de concluir programas especializados e ser aprovados nas respectivas avaliações. As tarefas vão do patrulhamento e gestão dos fluxos de pessoas à mediação de conflitos envolvendo turistas, passando pelo tratamento de casos de objectos perdidos e pela emissão de segunda via do “boletim de autorização de permanência”.

Embora mantenham as funções essenciais de qualquer agente – preservar a ordem pública, prevenir e combater a criminalidade –, os elementos da Polícia Turística têm uma

vertente adicional de serviço ao visitante. Nas zonas mais movimentadas, estes agentes acompanham ainda a evolução das multidões e podem implementar medidas de controlo sempre que as circunstâncias o exijam.

Até ao momento, foram realizados dez cursos de formação, concluídos por 276 agentes, entre os quais 178 homens e 98 mulheres. O modelo assenta numa ideia de “dupla competência”: capacidade policial e capacidade de atendimento.

A formação operacional é ministrada pela Escola de Polícia do CPSP e inclui a utilização de veículos e equipamentos específicos, técnicas de controlo de multidões e aplicação de tecnologia à acti-

vidade policial. A componente de atendimento é desenvolvida em colaboração com a Universidade de Turismo de Macau, abrangendo a história e cultura da cidade, etiqueta internacional, comunicação linguística e técnicas para lidar com situações de stress e reclamações.

Numa cidade visitada por pessoas de múltiplas nacionalidades, a capacidade de comunicar assume uma importância particular. Para Chu Io Chong, agente da Polícia Turística, essa é uma das diferenças mais evidentes em relação ao policiamento convencional.

“Os agentes da Polícia Turística estão destacados em locais de grande afluência, como as Ruínas

de São Paulo, o Largo do Senado, a Rua do Cunha, a zona de Coloane e os postos fronteiriços, onde prestam apoio a visitantes provenientes de todo o mundo”, explica Chu Io Chong. “Por isso, no nosso trabalho diário, é necessário dominar o cantonês, o mandarim e o inglês, sendo que alguns postos exigem igualmente conhecimentos de português. A comunicação multilingue tornou-se uma componente essencial do nosso trabalho quotidiano.”

SER FACILMENTE RECONHECIDO

O próprio uniforme da Polícia Turística foi pensado para responder às características deste serviço. De cor distinta da usada

pelos restantes agentes, permite que um visitante identifique rapidamente a Polícia Turística no meio de uma multidão.

O vestuário, refere Lei Ieng Long, foi também concebido para as exigências físicas de quem passa muitas horas a caminhar por ruas de calçada, escadarias e outros pisos irregulares. Flexibilidade, respirabilidade e espaço para transportar equipamento foram algumas das prioridades do desenho, acrescenta.

“Os agentes da Polícia Turística têm de efectuar longas patrulhas a pé nas principais zonas turísticas de Macau, deslocando-se frequentemente por superfícies irregulares e percorrendo grandes distâncias, sendo-lhes exigi-

do um elevado grau de mobilidade”, afirma o mesmo responsável.

“Assim, os tecidos dos uniformes privilegiam a flexibilidade e a respirabilidade, enquanto o design incorpora também soluções práticas para guardar equipamento, de forma a apoiar períodos prolongados de serviço intensivo no exterior”, conta Lei Ieng Long. Ao mesmo tempo, adianta, “o esquema cromático distintivo do uniforme não só transmite a autoridade inerente à aplicação da lei, como também permite aos visitantes identificarem rapidamente os agentes e aproximarem-se deles no meio das multidões”.

O equipamento operacional é, de resto, semelhante ao dos restantes agentes policiais: arma



Elizaveta (esq.) diz que Macau é uma cidade muito confortável para se visitar

de fogo, gás pimenta, algemas, rádio, câmaras corporais e telemóvel de serviço. Foram ainda acrescentadas luvas resistentes a cortes e coletes concebidos para oferecer protecção contra ataques com armas brancas.

Também os horários reflectem a natureza particular da missão destes agentes. Enquanto o policiamento regular funciona 24 horas por dia, a Polícia Turística concentra a actividade entre as 7h00 e as 23h00, acompanhando os períodos em que existe maior movimento nas zonas da cidade visitadas por turistas.

Nos feriados, festividades e grandes eventos, quando a presença aumenta, o CPSP reforça os principais pontos turísticos com

efectivos provenientes de outras unidades. O objectivo é simultaneamente garantir a segurança e evitar que a concentração de pessoas comprometa a circulação pedonal.

A percepção de segurança é precisamente um dos aspectos destacados por Tia Patihah, turista indonésia de 31 anos que chegou a Macau a partir de Hong Kong. Para ela, a experiência de visitar a cidade é favorecida por vários elementos. “Acho Macau uma cidade muito bonita, com fácil acesso em termos de transportes. Em relação à comida, há também muitas opções Halal”, comenta a visitante.

Tia Patihah salienta ainda a tranquilidade dos espaços pú-

blicos e a facilidade de comunicação. “Há muitas atracções gratuitas e espaços que são também tranquilos. Acho que Macau é um lugar seguro”, diz, referindo que essa percepção é reforçada pela presença de agentes da Polícia Turística. “Macau é muito segura para os turistas. Penso que isto também está relacionado com a língua, visto que muitas pessoas entendem inglês e, se quiser perguntar como chegar a algum sítio, percebem. Tive que pedir indicações e foram muito simpáticos.”

IMPREVISTOS DE TODOS OS DIAS

Atrás da imagem de proximidade está, porém, um trabalho



Os uniformes da Polícia Turística permitem que os agentes sejam facilmente identificados

policial marcado por situações imprevisíveis. Chu Io Chong explica que o desconhecimento das regras locais por parte dos visitantes é um dos desafios constantes. Há turistas que utilizam drones sem autorização, deitam lixo para o chão ou fotografam em locais onde tal não é permitido.

“Para além de patrulharmos e respondermos a pedidos de assistência, temos de explicar pacientemente aos visitantes os regulamentos locais, dar-lhes indicações atempadas e pôr termo a eventuais infracções, con-

tribuindo assim para preservar a imagem de Macau enquanto cidade turística”, explica o agente.

Mas são muitas vezes os episódios de vulnerabilidade dos visitantes que ficam na memória dos agentes. Chu Io Chong recorda particularmente um furto ocorrido na Rua de São Paulo. Uma turista percebeu, enquanto fazia compras, que a carteira poderia ter sido furtada. Num lugar desconhecido, ficou naturalmente perturbada.

“Quando eu e uma colega chegámos ao local, procurámos ime-

diatamente tranquilizá-la. De seguida, recolhemos rapidamente as informações necessárias, consultámos as imagens do sistema de videovigilância e acompanhámo-la à esquadra para concluir os procedimentos seguintes”, conta o elemento da Polícia Turística.

Para o agente, o episódio revelou uma dimensão da profissão que vai além da aplicação das regras. “Esta experiência marcou-me profundamente e recordou-me que o trabalho da Polícia Turística não exige apenas competência profissional e eficiência na aplicação da lei, mas também um forte sentido de empatia. Em momentos de crise, prestar apoio e assistência pode ajudar eficazmente a aliviar a angústia das vítimas e demonstrar o lado humano do trabalho policial.”

U Mei Kok, também agente da Polícia Turística, descreve o seu trabalho como uma combinação entre policiamento e serviço público. Perdas de objectos, procura de pessoas perdidas, conflitos envolvendo turistas e dificuldades linguísticas estão entre as situações que surgem regularmente.

Nos dias de maior movimento em épocas festivas ou que coincidam com grandes eventos, as responsabilidades acumulam-se. É necessário gerir multidões e prevenir furtos, enquanto se continua a responder aos problemas individuais de quem procura ajuda.

“Além disso, por se encontrarem num ambiente que não conhecem, os visitantes perdem frequentemente documentos de identificação ou objectos pessoais, sendo muito comuns



A segurança é um dos aspectos destacados por Tia Patihah durante a visita a Macau



Elementos da Polícia Turística também gerem o fluxo de pessoas em vários locais da cidade e em eventos de grande dimensão

os pedidos de assistência deste tipo”, refere a agente. “Temos de agir rapidamente para os ajudar a procurar os objectos perdidos, acompanhar os respectivos casos e prestar orientações sobre a substituição de documentos, procurando assim responder às suas necessidades mais urgentes.”

Um desses episódios começou quando dois turistas chegaram muito ansiosos ao Centro de Apoio a Turistas, pois tinham deixado um telemóvel num táxi.

U Mei Kok registou os locais e horários de entrada e saída dos passageiros e as características do automóvel. Através do sistema, os agentes conseguiram identificar o táxi e, em colaboração com outros

serviços, contactar o motorista. O telemóvel foi encontrado e devolvido aos proprietários.

97

Número de agentes no activo que compõem a Polícia Turística

“Os visitantes manifestaram o seu apreço pela colaboração entre os diferentes serviços e pela eficiência com que o caso foi tratado. Esta experiência reforçou ainda mais a minha determinação em servir os visitantes”, diz U Mei Kok. “Continuarei a desempenhar as minhas funções

de forma profissional, acessível e responsável, contribuindo para transmitir a imagem da Polícia Turística como uma força prestável e dedicada”, acrescenta.

Numa cidade onde residentes e visitantes partilham diariamente ruas, praças e pontos turísticos muito movimentados, a Polícia Turística ocupa um espaço entre a autoridade e a hospitalidade. Para muitos turistas, talvez nunca seja necessário pedir ajuda. Mas saber que há alguém por perto a quem podem recorrer faz também parte da experiência de descobrir Macau. ■

** Colaborador da edição chinesa da Revista Macau, com Rui Pastorin*

CINCO ANOS DE INTEGRAÇÃO MACAU-HENGQIN

Texto **Viviana Chan**



O Posto Fronteiriço de Hengqin, inaugurado em 2020, liga a ilha a Macau

A Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin celebra cinco anos e, segundo opiniões recolhidas pela Revista Macau, este é um importante momento para a afirmação do projecto. Após uma fase inicial marcada por novas infra-estruturas e pela introdução de medidas de facilitação do movimento de pessoas, mercadorias e capitais, o foco está agora na capacidade de gerar negócios, emprego e confiança

“O quadro institucional foi estabelecido e o espaço físico foi melhorado; a transformação industrial começou a romper barreiras, mas uma ‘descolagem’ plena ainda exige aprofundamento.” É desta forma que Samuel Tong Kai Chung resume, em entrevista à Revista Macau, os primeiros cinco anos da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin.

Para o presidente do Instituto de Gestão de Macau e da Associação de Estudo de Economia Política de Macau, a primeira fase do projecto criou as bases e as regras; a segunda terá de mostrar quantos profissionais, empresas e actividades económicas conseguem prosperar nesse substrato, criando raízes para o futuro.

Durante décadas, a proximidade entre Macau e Hengqin foi sobretudo geográfica. Separadas por um curso de água e por sistemas jurídicos, fiscais e aduaneiros distintos, estavam perto no mapa, mas longe nas rotinas diárias.

A criação, em Setembro de 2021, da Zona de Cooperação procurou alterar essa relação. O objectivo não era apenas desenvolver Hengqin, mas lançar também um novo espaço para a diversificação adequada da economia da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). Para tal, foram lançadas, de forma consecutiva, políticas fiscais preferenciais, procedimentos alfandegários simplificados e medidas concebidas para facilitar a fixação de residência, a criação de empresas e o desenvolvimento de carreiras profissionais.

UM MODELO ÚNICO

Associada à parte económica e empresarial, pretende-se criar em Hengqin um local onde os titulares de Bilhete de Identidade de Residente (BIR) de

Macau possam usufruir de uma qualidade de vida em linha com aquela disponibilizada pela RAEM. Essa integração tem vindo a ocorrer a diversos níveis: da educação à saúde, passando por apoios sociais, são já diversos os serviços de cariz público de Macau disponíveis em Hengqin – e o leque continua a alargar-se.

Cinco anos volvidos, a mudança em termos globais já é visível. No final de Junho deste ano, existiam mais de 8 mil empresas de capitais de Macau na Zona de Cooperação, um aumento superior a 70 por cento face ao momento do lançamento do projecto. Mais de 30 mil residentes de Macau viviam, estudavam ou trabalhavam em Hengqin, de acordo com dados de Fevereiro.

O mecanismo institucional de governação da Zona de Cooperação é ele próprio singular. Sob um sistema inovador de negociação, construção e administração conjuntas e partilha de resultados, o governador de Guangdong e o Chefe do Executivo da RAEM co-presidem à Comissão de Gestão da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin, enquanto funcionários das duas partes trabalham numa mesma estrutura executiva.

Fong Fong Tan, directora dos Serviços de Assuntos de Subsistência da Zona de Cooperação, afirma que o modelo “ênfatiza a consulta mútua, criando oportunidades para novos avanços”. Na sua opinião, Macau e Hengqin passaram, com a Zona de Cooperação, de “vizinhos próximos a colegas de equipa, trabalhando de forma próxima”, numa fórmula em que “o todo é maior do que a soma das partes”.

Os indicadores dão dimensão ao crescimento já verificado. Na primeira metade deste ano, o produto interno bruto da Zona de Cooperação atingiu 28,687 mil milhões de renminbi, representando uma



“O modelo da Zona de Cooperação enfatiza a consulta mútua, criando oportunidades para novos avanços”

FONG FONG TAN

Directora dos Serviços de Assuntos de Subsistência da Zona de Cooperação

taxa de crescimento homóloga de 7,5 por cento. As exportações relativas ao mesmo período subiram 86,1 por cento: fixaram-se em 25,689 mil milhões de renminbi, quase o dobro do verificado durante todo o ano de 2021.

As “quatro novas indústrias” seleccionadas para promover o desenvolvimento de Hengqin – investigação e desenvolvimento científico e tecnológico e produção industrial envolvendo tecnologia de ponta; indústria de marcas de Macau, como a medicina tradicional chinesa; sectores das indústrias cultural, turística, de convenções e exposições e comércio; e finanças modernas – representavam já 67,1 por cento da economia da Zona de Cooperação no ano passado. Entre as áreas com maior dinamismo estiveram a investigação científica e os serviços de informação, ambos com crescimentos próximos de 20 por cento.

GANHARESCALA

O crescente volume de passagens no Posto Fronteiriço de Hengqin – situado numa das extremidades da Ponte Flor de Lótus, que liga a ilha a Macau – é outro indicador de relevo. O movimento anual de passageiros ultrapassou os 30 milhões em 2025, mais do triplo do valor registado em 2021. Além disso, no ano passado, cerca de 3,5 milhões de

veículos atravessaram a fronteira, sendo aproximadamente dois terços destes automóveis de Macau com matrícula única, ao abrigo de uma política especial que permite a veículos elegíveis registados na RAEM entrarem e circularem em Hengqin.

Para Wu Chuangwei, director dos Serviços de Desenvolvimento Industrial da Zona de Cooperação, os resultados mostram que a estratégia desenhada para o projecto está a entrar numa fase de maturação. “Ao longo dos primeiros cinco anos, procurámos transformar o planeamento industrial em resultados concretos”, afirma.

“Foram implementadas mais de 300 medidas inovadoras aproximando Hengqin e Macau, criando uma série de reformas-piloto a nível nacional, nomeadamente no que se refere ao controlo aduaneiro, desenvolvimento industrial, finanças, serviços públicos e área legal”, acrescenta o responsável. “O foco está agora em derrubar as barreiras ainda existentes à cooperação entre Hengqin e Macau, melhorar as medidas de apoio industrial e estimular a vitalidade do mercado.”

O académico Samuel Tong sublinha o papel da Zona de Cooperação na promoção da complementaridade entre Macau e Hengqin. Para actividades económicas já existentes na RAEM, a Zona de Cooperação oferece espaço de expansão; para sec-



Mais de 8 mil empresas de capitais de Macau estavam registadas na Zona de Cooperação no final de Junho

tores emergentes sem uma cadeia local completa, a ilha funciona como terreno de experimentação institucional e industrial, diz.

Olhando para o presente e o futuro, Samuel Tong advoga que o cerne das políticas deve “passar da atracção de investimento para a retenção de empresas, reduzindo custos operacionais e promovendo prosperidade”. A distinção é importante, na opinião do académico: o número de empresas registadas na Zona de Cooperação mede a capacidade de atracção do projecto, mas não revela, por si só, quantas entidades mantêm em Hengqin equipas permanentes e unidades de investigação ou produção, ou geram receitas localmente. Daí que o responsável propo- nha incentivos relacionados com indicadores de ac- tividade efectiva, como trabalhadores contratados,

espaço de escritório utilizado, investimento fixo e despesas de investigação realizadas em Hengqin.

PLANEAMENTO AMBICIOSO

O “Projecto Geral de Construção da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin”, promulgado a 5 de Setembro de 2021 pelo Comité Central do Partido Comunista da China e pelo Conselho de Estado, lançou oficialmente a Zona de Cooperação, com uma área de cerca de 106,46 quilómetros quadrados, o triplo da dimensão da RAEM. O documento, que surgiu no seguimento das “Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”, divulgadas dois anos antes, define a estratégia para o futuro de Hengqin, parte do município de Zhuhai.



“O foco está agora em derrubar as barreiras ainda existentes à cooperação entre Hengqin e Macau”

WU CHUANGWEI

Director dos Serviços de Desenvolvimento Industrial da Zona de Cooperação

Entretanto, em Dezembro de 2023, após a aprovação do Conselho de Estado, a Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma divulgou o “Plano Geral do Desenvolvimento para a Construção da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin (2022-2035)”, também conhecido como “Plano Hengqin”. É neste documento que surgem metas mais detalhadas em relação às três fases definidas para a implementação do projecto da Zona de Cooperação, nomeadamente para os anos de 2024, 2029 e 2035.

Até 2029, quando se assinalam os 30 anos do regresso de Macau à Pátria, prevê-se que a RAEM e Hengqin alcancem uma maior coordenação económica, uma articulação mais profunda ao nível das regras e uma circulação mais eficiente de pessoas, mercadorias, capitais e outros recursos. As metas prevêem cerca de 40 mil titulares de BIR da RAEM a trabalharem em Hengqin e aproximadamente 60 mil a residirem na ilha, a par de 25 mil empresas de capital de Macau.

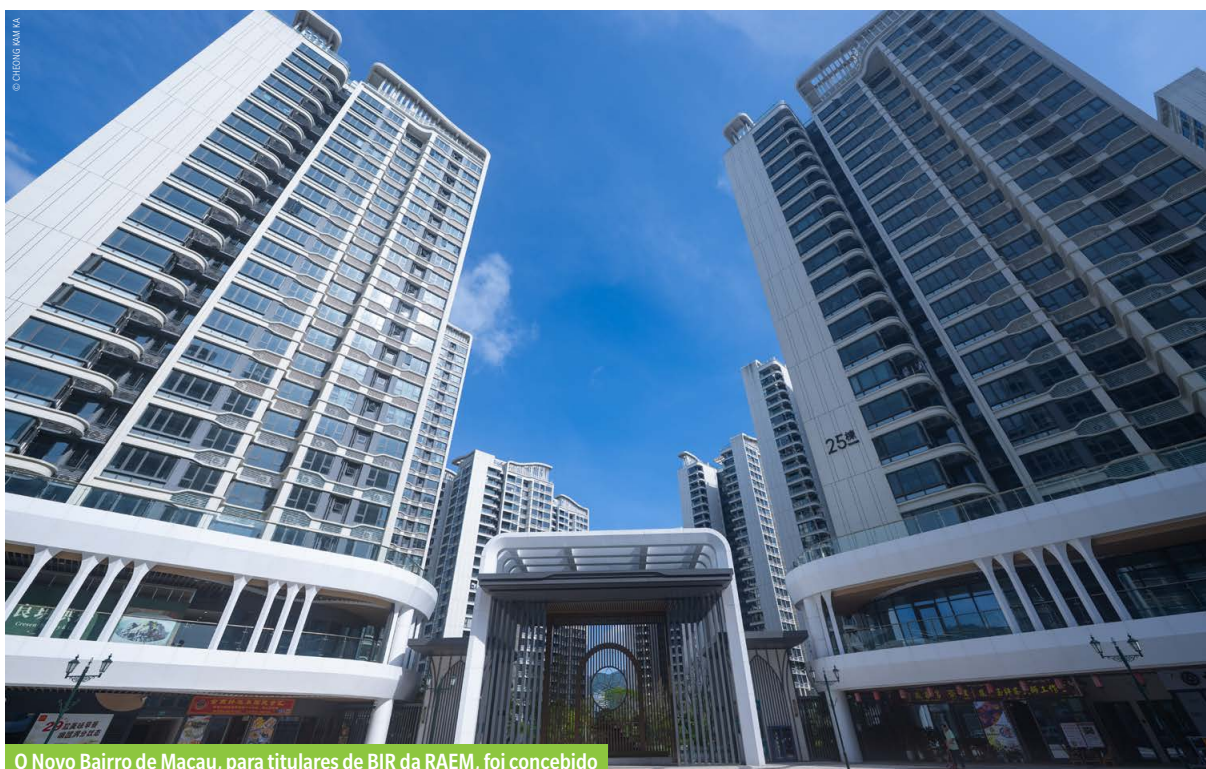
Até ao final da terceira fase, em 2035, prevê-se que esses números aumentem para cerca de 80 mil titulares de BIR de Macau a trabalharem na Zona de Cooperação e aproximadamente 120 mil a residirem em Hengqin.

Em termos mais amplos, a Zona de Cooperação desempenha um papel de relevo no desenvolvi-

to da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. O projecto, de resto, tem sido merecedor de ampla atenção por parte das autoridades centrais: a Zona de Cooperação em Hengqin foi motivo de visita por parte do Presidente Xi Jinping quando se deslocou a Macau a propósito do 25.º aniversário do estabelecimento da RAEM; mais recentemente, em Junho deste ano, o director do Gabinete de Trabalho de Hong Kong e Macau do Comité Central do Partido Comunista da China e do Gabinete dos Assuntos de Hong Kong e Macau junto do Conselho de Estado, Xia Baolong, voltou a visitar a Zona de Cooperação, local onde já se deslocou por várias vezes nos últimos anos.

Do lado da RAEM, o sucesso da Zona de Cooperação é encarado como essencial para o futuro de Macau. As “quatro novas indústrias” que sustentam a estratégia de desenvolvimento industrial de Hengqin pretendem reflectir, de forma complementar, os sectores identificados na estratégia de diversificação económica “1+4” de Macau: indústrias de tecnologia de ponta; “big health” da medicina tradicional chinesa; convenções, exposições, comércio, cultura e desporto; e serviços financeiros modernos.

Já no próximo ano, deve entrar oficialmente em funcionamento, na Zona de Cooperação, o terminal de mercadorias do Aeroporto Internacional de Macau em Hengqin. Considerado um projecto-chave



O Novo Bairro de Macau, para titulares de BIR da RAEM, foi concebido como campo de experimentação para a integração regional

para a RAEM – com capacidade anual estimada para 300 mil toneladas de carga aérea –, este empreendimento visa promover a integração logística e de transportes entre Macau e Hengqin, com as funções de controlo de segurança e paletização de carga a serem estendidas à Zona de Cooperação, articulando-se com a iniciativa de construção do Hub (Porto) de Transporte Aéreo Internacional de Macau na margem oeste do Rio das Pérolas.

Não é de estranhar que, neste contexto, a promoção de alta qualidade da Zona de Cooperação mereça uma secção própria – cobrindo um total de três capítulos – no 3.º Plano Quinquenal de Desenvolvimento Socioeconómico da RAEM (2026-2030), divulgado no passado mês de Agosto. Além disso, as autoridades locais criaram o Grupo de Liderança para a Promoção da Construção da Zona de Cooperação em Hengqin, liderado pelo próprio Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, no qual têm assento todos os secretários do Governo.

UM SISTEMA ADUANEIRO ESPECIAL

Desde Março de 2024 que Hengqin funciona, na prática, como uma zona aduaneira autónoma em

modelo de gestão separada. Foram criadas duas linhas de supervisão aduaneira no âmbito da Zona de Cooperação: na “primeira linha”, entre Hengqin e a RAEM, são implementadas medidas de maior flexibilização aduaneira e tendencialmente semelhantes às que se encontram em vigor em Macau; na “segunda linha”, estabelecida entre Hengqin e as restantes regiões do Interior da China, é adoptado um modelo de maior controlo.

Com a zona aduaneira autónoma, foram criadas políticas e regulamentação fiscal de importação e exportação de mercadorias aplicáveis apenas à “primeira linha” – ou seja, que excluem o resto do Interior da China –, com isenções para vários tipos de bens ao nível das tarifas alfandegárias. No âmbito da “segunda linha”, de forma a assegurar a inspecção das mercadorias que entram no resto do Interior da China a partir de Hengqin, foram estabelecidos postos de controlo em todas as conexões entre a ilha e o restante município de Zhuhai.

Os produtos que acedem ao resto do Interior da China a partir de Hengqin estão sujeitos a formalidades normais, incluindo a eventual cobrança de impostos e taxas aduaneiras. No entanto, mercado-

rias produzidas na Zona de Cooperação que não contenham peças ou materiais importados – ou que, contendo-os, tenham tido um aumento de valor igual ou superior a 30 por cento em resultado do processamento em Hengqin – beneficiam de isenções fiscais ao entrarem no resto do Interior da China pela “segunda linha”. Em sentido oposto, mercadorias que partam do resto do Interior da China e entrem na Zona de Cooperação pela “segunda linha” serão consideradas como exportadas, podendo beneficiar de rebates fiscais.

O modelo de “duas linhas” pretende também facilitar a circulação de pessoas. Na “primeira linha”, foi implementado um sistema de cooperação de inspecção única para passagem transfronteiriça. Além disso, estão a ser flexibilizadas as políticas fiscais em relação a bens transportados como bagagem pessoal, incluindo alimentos e animais domésticos.

Para os viajantes, a mudança significa que as autoridades de Macau e do Interior da China efectuem os procedimentos fronteiriços em conjunto, evitan-

do duas inspecções sucessivas no Posto Fronteiriço de Hengqin. Há também autocarros escolares inspecionados sem necessidade de os alunos saírem do veículo, entre outras medidas.

Si Ka Lon, deputado à Assembleia Popular Nacional e também à Assembleia Legislativa de Macau, considera que a principal tarefa a curto e médio prazo está em limar as arestas que ainda subsistem em relação à Zona de Cooperação. “As expectativas são elevadas, mas há fricções nos detalhes e a confiança empresarial precisa de ser reforçada”, afirma, resumindo os comentários que recebe de titulares de BIR da RAEM a viver em Hengqin e de líderes de pequenas e médias empresas.

Na sua opinião, é necessário continuar o aprofundamento da integração entre Macau e Hengqin ao nível das regras de acesso ao mercado, reconhecimento de qualificações, normas laborais, fiscalidade e financiamento. Tudo para que as empresas se decidam efectivamente a estabelecer operações em Hengqin.



A primeira fase da Cidade (Universitária) de Educação Internacional de Macau e Hengqin, na Zona de Cooperação, começou a receber alunos de pós-graduação em Agosto



“O cerne das políticas deve passar da atracção de investimento para a retenção de empresas, reduzindo custos operacionais e promovendo prosperidade”

SAMUEL TONG KAI CHUNG

Presidente do Instituto de Gestão de Macau

“O mais urgente é transformar os benefícios das grandes políticas em conveniência para cada procedimento concreto”, sintetiza.

SERVIÇOS SEM FRONTEIRAS

É na vida quotidiana que os avanços institucionais oferecidos pela Zona de Cooperação são mais visíveis junto da população em geral. Um dos focos dessa integração é o Novo Bairro de Macau em Hengqin.

Desenvolvido pela Macau Renovação Urbana, S.A., uma empresa de capitais públicos da RAEM, o complexo residencial inclui cerca de 4000 apartamentos reservados a titulares de BIR da RAEM, situando-se a aproximadamente seis minutos de carro do Posto Fronteiriço de Hengqin. As habitações foram colocadas à venda no final de Novembro de 2023.

O empreendimento foi concebido como campo de experimentação para estender serviços públicos de Macau a Hengqin. O complexo está estruturado em redor de uma escola, de um posto de saúde e de centros de serviços para idosos e famílias.

No estabelecimento de ensino, a Escola de Hengqin Anexa à Escola Hou Kong, os estudantes

seguem o sistema e o currículo de Macau, utilizando materiais pedagógicos da RAEM e podendo receber benefícios equivalentes aos concedidos aos alunos nas instituições de ensino de Macau.

Já o Posto de Saúde do Novo Bairro de Macau, igualmente lançado em 2024, é a primeira instituição médica criada pelo Governo da RAEM no Interior da China cujos funcionamento e gestão são directamente assegurados pelos Serviços de Saúde de Macau. A unidade toma como referência o modelo de funcionamento dos centros de saúde em Macau e destina-se aos titulares de BIR da RAEM a viver, trabalhar ou estudar em Hengqin.

A Cidade (Universitária) de Educação Internacional de Macau e Hengqin, na Zona de Cooperação, deverá aprofundar a ligação entre os dois lados. Planeada em três fases até 2030, terá capacidade para 20 mil estudantes e docentes e incluirá novos espaços de três instituições de ensino superior da RAEM: a Universidade de Macau, a Universidade Politécnica de Macau e a Universidade de Turismo de Macau. Por agora, arrancou no passado mês de Agosto a primeira fase, cobrindo programas de pós-graduação, leccionados em instalações temporárias no empreendimento Dezhi Plaza, com cerca de 65.000 metros quadrados e adaptado para o efeito.

Fong Fong Tan considera que, com a crescente integração de serviços públicos, tem vindo a ser criado um ambiente familiar que encoraja os titulares de BIR da RAEM a estabelecerem-se em Hengqin. A directora dos Serviços de Assuntos de Subsistência da Zona de Cooperação explica que, à conectividade ao nível das infra-estruturas e das regras e instituições, se tem vindo a juntar uma “conectividade dos corações”, conforme os laços entre as comunidades de Hengqin e Macau se aprofundam.

A capacidade de atracção de jovens constitui um importante teste a essa mudança. Em Hengqin, há já dez bases de inovação e empreendedorismo, as quais acolheram, nos últimos anos, mais de mil projectos de Macau. Além disso, cerca de 600 jovens da RAEM participaram em programas de estágio na ilha.

Fong Fong Tan descreve a evolução como uma passagem “da observação cautelosa para uma aproximação regular” por parte dos jovens da RAEM.

Si Ka Lon, porém, nota que, para muitos, a decisão de dar o “salto” para Hengqin depende da identificação de oportunidades de progressão profissional e de salários atractivos, não apenas da existência de subsídios ou estágios.

DA PRESENÇA À PERMANÊNCIA

A identificação do caminho ainda a percorrer não esconde a transformação significativa ocorrida ao longo dos últimos cinco anos. Mostra antes como evoluiu a equação, defendem as vozes ouvidas pela Revista Macau. Quando havia poucas ligações tangíveis entre Macau e Hengqin, a prioridade esteve na criação de escolas, serviços, canais de passagem facilitada e regimes especiais. Agora que essa base está estabelecida no terreno, o foco está na frequência e amplitude com que são usados os recursos e oportunidades disponíveis, e na confiança com que os indivíduos organizam a vida entre os dois lados.

O mesmo se aplica às empresas. As autoridades da Zona de Cooperação lançaram já este ano novas medidas para reduzir os custos de arrendamento de espaço de escritório e apoiar empresas em actividade efectiva. O objectivo final passa pela formação de mercados e cadeias de valor locais.

Si Ka Lon defende uma divisão de funções entre Macau e Hengqin, nomeadamente em áreas de ponta como a biomedicina. E resume assim a sua proposta: “investigação e primeiros ensaios clínicos em Macau, transformação industrial em Hengqin e exportação para os mercados internacionais”. De resto, levou a ideia este ano à Assembleia Popular Nacional, propondo que Macau e Hengqin desenvolvam em conjunto uma plataforma para terapias com células estaminais e para a indústria biomédica, apoiada por projectos-piloto de inovação institucional.

Há ainda uma dimensão da Zona de Cooperação que não cabe apenas na relação entre Macau e Hengqin. O projecto foi também concebido para ampliar a função internacional de plataforma da RAEM, em particular de ligação entre a China e os países de língua portuguesa. É uma ambição que muda a escala da questão: não basta saber se Macau consegue chegar a Hengqin; importa perceber quem consegue chegar ao Interior da China através da Zona de Cooperação, utilizando a plataforma da RAEM.



“O mais urgente é transformar os benefícios das grandes políticas em conveniência para cada procedimento concreto”

SI KA LON

Deputado à Assembleia Popular Nacional e à Assembleia Legislativa de Macau

O Centro de Serviços Económicos e Comerciais entre a China e os Países de Língua Portuguesa/Espanhola pretende ser parte da resposta. Ocupa cerca de 250 mil metros quadrados na Zona de Cooperação e pretende acompanhar empresas estrangeiras desde a criação de subsidiárias em Hengqin à obtenção de vistos para os seus funcionários. Associado ao centro, foi lançado um fundo inicial de mil milhões de renminbi.

Para Samuel Tong, o registo empresarial é apenas o princípio. Informação insuficiente, exigências de conformidade e dificuldades de acesso ao mercado podem afastar empresas de fora que não conheçam já o Interior da China. Daí que, na segunda fase de construção da Zona de Cooperação, afirma o académico, Macau e Hengqin se devam “tornar no primeiro ponto de chegada” para empresas lusófonas e de países de língua espanhola que pretendam entrar no mercado do Interior da China e para empresas chinesas interessadas no percurso inverso.

Cinco anos depois da criação da Zona de Cooperação, esta poderá ser uma das provas mais claras do alcance do projecto: não apenas aproximar duas áreas vizinhas, mas fazer dessa proximidade uma porta para algo maior. ■

把握中葡商機

中葡商貿導航

與您同航

A CONDUTA DO COMÉRCIO CHINA-PLP

O parceiro vosso na rota de oportunidades
de negócios sino-lusófonos

服務SERVIÇO

-  商貿諮詢 Consultoria de negócios
-  轉介約見 Encaminhamento ou encontro
-  成立公司 Constituição de empresas
-  產品或服務的供求配對 Emparelhamento de produtos e serviços
-  宣傳推廣 Publicidade e promoção
-  舉辦或參與活動 Realização ou participação em actividades
-  投資項目配對 Emparelhamento de projectos de investimento
-  簽訂合作協議 Celebração de acordos de cooperação

更多服務資訊，請聯絡
Para mais informações, por favor contactar

 +853 8798 9724

 daspf@ipim.gov.mo

 +853 2872 7123

文
中



Português



OS SABORES CENTENÁRIOS DA PASTELARIA FONG KEI

Texto **Vitória Man Sok Wa**

Fotografia **Oswald Vas**



Os sabores clássicos da Pastelaria Fong Kei são bastante populares entre os turistas que visitam a Vila da Taipa

Na Taipa antiga, entre turistas e “selfies”, um balcão discreto distribui sabores a nostalgia. Há mais de 120 anos que a Pastelaria Fong Kei é guardiã de um legado único, pronto a ser descoberto em doces dentadas

Na movimentada Rua do Cunha, o tempo parece não parar, com moles de turistas a subir e descer a pequena artéria pedonal, em constante bulício. No entanto, há um exíguo local por onde os ponteiros do relógio parecem teimar em não passar: trata-se da Pastelaria Fong Kei, um dos negócios mais antigos ainda em operação da Vila da Taipa, que se mantém de portas abertas há mais de 120 anos.

O estabelecimento – que deve o seu nome ao fundador, Kou Fong – carrega uma história que atravessa quatro gerações. Criado em 1902 como uma casa de chá, transformou-se com o tempo numa pastelaria e num verdadeiro ícone da gastronomia local.

Foram os anos 1970 que marcaram a mudança. O sabor artesanal dos biscoitos e pastéis da Fong Kei conquistou primeiro a população de Macau, depois os turistas de Hong Kong e hoje atrai visitantes de todo o mundo.

Mal o dia começa, rapidamente se formam filas de clientes. Entre os produtos mais procurados estão o pastel (ou torta) da esposa (conhecido em cantonense como “lou pou beng”), o biscoito em forma de carne fatiada, o biscoito de amêndoa, o pastel em forma de abalone e o tradicional bolinho de carne de porco.

Tal como nos sabores, ao longo das décadas, pouco mudou no interior da Fong Kei. Quem atravessa os portões metálicos de correr do estabelecimento, onde se destacam os caracteres “Fong” e “Kei”, pode pensar que viajou no tempo, seja pela decoração “vintage” ou pelo mobiliário antigo.

Em Abril, este reduto da pastelaria tradicional viu a sua longevidade e relevância cultural consagradas com o título de “Marca Centenária”. Trata-se de uma nova iniciativa levada a cabo pela Direcção dos Serviços de Economia e Desenvolvimento Tecnológico e pela Macau Chain Stores and Franchise Association, que distinguiu dez estabelecimentos locais na sua edição inicial.

O reconhecimento confirma a Fong Kei como guardiã de uma tradição que resiste ao tempo e continua a ser referência na Taipa. Hoje, a empresa segue sob a terceira e quarta gerações da família Kou: Kou Shi Lon e o filho Kou Chi Kei.

“Receber este título é motivo de grande orgulho”, afirma Kou Shi Lon, referindo-se ao galardão de “Marca Centenária” e agradecendo também o apoio promocional que tem sido disponibilizado à marca pela Direcção dos Serviços de Turismo. “O nosso compromisso é apenas continuar aquilo que o meu bisavô começou, mantendo intacto o legado que nos foi confiado”, acrescenta o filho.

O reconhecimento não se fica por aqui. Em 2016, o afamado Guia Michelin para Macau e Hong Kong, aquando do lançamento da categoria “street food”, incluiu a Fong Kei entre as suas recomendações. Desde então, a pastelaria tem mantido, de forma consecutiva, a distinção.

DO CHÁ PARA OS BOLINHOS

Para lá dos sabores, a Pastelaria Fong Kei é também testemunha da transformação experienciada pela Taipa ao longo dos últimos 120 anos.

“Quando a Fong Kei ainda era uma casa de chá, e eu era criança, a Taipa era uma localidade pequena, com cerca de dez mil habitantes. Existiam apenas algumas povoações e casas de chá, não havia prédios grandes”, recorda Kou Shi Lon.

“Abriamos as portas religiosamente às quatro da madrugada para servir o chá matinal. Os operários precisavam de tomar o pequeno-almoço cedo, antes de enfrentar turnos de trabalho extremamente duros.”

Naqueles tempos, a Fong Kei servia sobretudo os moradores locais e os trabalhadores das fábricas de panchões. Muitos clientes só pagavam a conta no dia em que recebiam o seu salário, um costume que reflectia a vida comunitária de então.

No entanto, a pólvora e os componentes químicos utilizados na indústria dos panchões acarre-

tavam riscos de calotes. “Se na fábrica ocorresse uma explosão súbita, o que infelizmente acontecia por vezes, aquele cliente podia desaparecer da noite para o dia e a conta ficava por pagar”, lembra Kou Shi Lon. “Mas era assim a vida na comunidade; havia uma entreajuda no essencial.”

Nos anos 1970, a família decidiu encerrar a parte da casa de chá, embora inicialmente mantendo em parte o serviço de refeições ligeiras.

“A nossa mudança de casa de chá para pastelaria aconteceu cerca de dois anos antes da inauguração da Ponte Governador Nobre de Carvalho, a primeira ligação entre a península e a Taipa”, conta Kou Shi Lon. “Na altura, estava na moda acompanhar chá com bolachas chinesas. Assim nasceu a Pastelaria Fong Kei.”

A decisão revelou-se profética. “Quando a ponte abriu em 1974, houve uma verdadeira explosão de visitantes. Pela primeira vez, as pessoas podiam conduzir até à Taipa. Lembro-me de filas intermináveis

de carros que congestionavam por completo as estradas estreitas da vila e de ver multidões que vinham em busca dos nossos bolos”, recorda.

SABORES VERDADEIRAMENTE ARTESANAIS

Um dos pilares da singularidade da Pastelaria Fong Kei prende-se com uma recusa firme à industrialização dos processos de produção. Numa era em que muitas marcas de biscoitos tradicionais optaram por fábricas automatizadas e produção em larga escala, a Fong Kei aponta na direcção oposta.

Da preparação da massa à ida ao forno, tudo continua a ser feito à mão. É nesse gesto paciente e artesanal que cada biscoito ganha identidade própria, privilegiando-se a excelência em detrimento da quantidade, explicam os proprietários.

No piso superior do diminuto estabelecimento na Rua do Cunha – e numa unidade localizada nas imediações –, a produção acontece diariamente. Ali, os membros da família Kou trabalham lado a lado com um grupo de ajudantes, guardando receitas transmitidas ao longo de quatro gerações.

“Ao crescer nesta pastelaria, nunca ouvi a palavra ‘conservantes’”, sublinha Kou Shi Lon. “Normalmente, não fazemos grandes quantidades. Avaliamos o fluxo de clientes e produzimos em conformidade. Se há mais movimento, produzimos mais; se está calmo, fazemos menos.”

Essa flexibilidade permite à Fong Kei garantir a frescura dos produtos, sem nunca trair os sabores originais. “A receita tem de ser a mesma que o nosso fundador Kou Fong passou às gerações seguintes”, enfatiza Kou Shi Lon.

Ainda assim, o responsável admite que o futuro pode trazer ajustes. A sua filosofia de manter a receita tradicional é “inegociável, mas adaptável”. E explica: “Hoje, os consumidores preferem produtos com menos açúcar e menos gordura. Isso já passará pelo meu filho, Chi Kei, que decidirá.”

Até o processo de embalagem recusa a automação. “Embalar de forma mecanizada exige maquinaria pesada e processos químicos típicos de produção em larga escala. O nosso conceito de ‘feito à mão’ significa frescura absoluta”, confirma Kou Chi Kei.

O bolinho de carne de porco, estaladiço por fora e denso por dentro, e também conhecido como



A pastelaria segue sob a terceira e quarta gerações da família Kou: Kou Shi Lon (dir.) e o filho Kou Chi Kei (esq.)



A produção artesanal, da confeção ao processo de embalagem, é uma das imagens de marca da Pastelaria Fong Kei

“folhado de frango” pela sua forma, continua a ser o favorito dos visitantes do Interior da China, de acordo com os proprietários. Já o biscoito em forma de carne fatiada é historicamente uma das preferências do público de Hong Kong. Por fim, o clássico pastel da esposa mantém a sua popularidade entre a clientela do Sudeste Asiático.

Particularmente complicado de produzir, o pastel em forma de abalone revela a mestria artesanal da casa. “Devido à sua extrema complexidade, o pastel em forma de abalone quase desapareceu no passado, mas fiz questão de o resgatar para manter vivo o portefólio tradicional”, partilha Kou Chi Kei.

A ausência de aditivos químicos dita a forma como os produtos devem ser consumidos. Os proprietários da Fong Kei aconselham os clientes a guardarem os pastéis no frigorífico se não os consumirem de imediato e, na hora de servir, a utilizarem um forno tradicional para os aquecer e regenerar a textura.

NOVA GERAÇÃO

Em 2018, a gestão diária da Pastelaria Fong Kei passou a contar com Kou Chi Kei, então na casa dos 20 anos e recém-licenciado em Gestão de Empresas nos Estados Unidos da América. O regresso foi marcado pela decisão de eventualmente assumir a liderança da casa fundada pelo bisavô.

“Não tive grandes crises existenciais ou dramas familiares. Sendo filho único, percebi muito cedo que, se eu não regressasse, a pastelaria do meu bisavô e do meu pai eventualmente morreria. O facto de ter estudado gestão deu-me ferramentas, mas a

decisão de voltar foi puramente moldada por um sentido de responsabilidade”, afirma.

O exigente trabalho manual não o fez desanimar. “Trabalhar numa pastelaria artesanal significa horários longos, presença constante no balcão e na produção, e abdicar de rotinas comuns a outros jovens, como os fins-de-semana livres”, nota.

Ao lado, o pai acrescenta com a experiência toldada por muitos anos de trabalho: “A vida dos meus pais e a minha foi sempre dentro desta loja. Nunca havia tempo para parques ou cinema com os filhos; estávamos sempre a trabalhar. Aqui não existe horário das nove às cinco. Com pastelaria produzida artesanalmente, é preciso estar na linha da frente a controlar cada fornada, para garantir a qualidade.”

Apesar das mudanças nos hábitos sociais e de consumo, pai e filho acreditam que a Fong Kei não precisa de alterar a sua filosofia para conquistar os consumidores mais jovens. “Hoje, quando a produção industrializada é tão comum e todos os produtos parecem iguais, aos olhos da juventude, a produção artesanal é algo raro – por isso, somos populares entre essa geração”, explica Kou Shi Lon.

Quanto à promoção, assenta sobretudo no “passa-palavra”. “Em vez de gastarmos tempo e energia em publicidade, como somos uma equipa pequena de âmbito familiar, com pai e filho no fabrico e mãe no atendimento ao balcão, preferimos focar os nossos recursos na produção. Afinal, a nossa paixão é servir bolos e biscoitos com sabor tradicional e qualidade superior”, diz o responsável. ■

O VALOR DA MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO

Texto **Cherry Chan** e **Tiago Azevedo**

Desde a educação e investigação até à preservação da memória colectiva, a Fundação Macau tem desempenhado um papel discreto, mas determinante na evolução da cidade. Nesta entrevista à Revista Macau, o presidente da instituição, **Wu Zhiliang**, analisa o legado construído e as prioridades para o futuro

No ano em que a Fundação Macau assinala o seu 25.º aniversário, que conquistas considera mais relevantes ao longo destas mais de duas décadas?

A actual Fundação Macau, que celebra agora o seu 25.º aniversário, resultou da fusão entre a antiga Fundação Macau – criada em 1984 e dedicada à filantropia – e a Fundação para a Cooperação e Desenvolvimento de Macau. Esta integração teve como objectivo maximizar recursos para promover o desenvolvimento social de Macau e

contribuir para o desenvolvimento nacional.

Após a administração ter decidido, em 1987, adquirir a então Universidade da Ásia Oriental, a então Fundação Macau esteve envolvida na transformação da instituição de ensino superior, incluindo na introdução de cursos muito procurados durante o período da transferência [de administração de Macau], como Direito, Administração Pública e Engenharia. Durante o mesmo período, a anterior Fundação Macau participou também nas

negociações que conduziram à instalação do instituto da Universidade das Nações Unidas em Macau.

Depois de a Universidade da Ásia Oriental ser transformada na Universidade de Macau, em 1991, a então Fundação reposicionou-se como uma instituição dedicada à promoção da educação, da ciência, da cultura e da cooperação sino-portuguesa. Apoiou a construção do anterior campus da Universidade de Macau na Taipa, publicou colecções de livros em chinês,



Wu Zhiliang preside à Fundação Macau desde 2010

português e inglês, e organizou diversos concursos e iniciativas, incluindo a inauguração do Centro UNESCO de Macau, aproximando diferentes sectores da comunidade.

O apoio à investigação académica, enfatizando o papel histórico de Macau como plataforma de intercâmbio entre a China e o mundo, sempre foi uma prioridade da Fundação, que se mantém até aos dias de hoje. Desde a criação da actual Fundação

Macau, em 2001, fizemos uso dos recursos existentes para estimular o progresso social de Macau, contribuindo igualmente para o desenvolvimento nacional.

A educação tem sido uma prioridade absoluta. Participámos na concepção e construção do Centro de Ciência de Macau, que se tornou num dos marcos arquitectónicos da cidade e uma importante base para a divulgação científica junto dos jovens e estudantes. Investimos igualmente mais de

6 mil milhões de patacas na construção de novos edifícios escolares e na aquisição de equipamentos, criando uma base sólida para que as novas gerações possam crescer e aprender num mundo cada vez mais competitivo. Os resultados dos estudantes de Macau no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), onde se posicionam entre os dez melhores do mundo em matemática, leitura e ciências, demonstram o sucesso desse investimento.

Com vista a reforçar a integração de Macau no desenvolvimento nacional, a Fundação financiou, em 2024, a aquisição de terrenos pela Universidade de Macau em Hengqin para o novo campus na Cidade (Universitária) de Educação Internacional de Macau e Hengqin.

Também começámos a atribuir bolsas de estudo a jovens de Macau para estudarem no Interior da China e no estrangeiro, alargando horizontes e contribuindo para elevar a qualificação dos profissionais locais.

No plano internacional, continuamos a apoiar financeiramente o instituto da Universidade das Nações Unidas em Macau e contribuímos para o financiamento da Escola Portuguesa de Macau, garantindo o acesso à educação e a execução dos nossos compromissos.

Para além da educação, quais têm sido as outras prioridades?

O nosso trabalho visa apoiar as políticas do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). Prestamos apoio financeiro a importantes associações de base locais, cujas actividades incluem vários serviços sociais e comunitários essenciais que abrangem praticamente toda a população de Macau.

Entre as iniciativas regulares, contam-se a distribuição de cabazes a grupos desfavorecidos e o apoio ao reforço da capacidade organizativa das associações civis.

Durante a pandemia da COVID-19, a Fundação disponibilizou 7,5 mil milhões de pata-

cas para ajudar empresas e cidadãos a fazerem face aos desafios. Prestámos igualmente apoio aos esforços de reconstrução após o sismo de Sichuan, em 2008, e a projectos de revitalização rural no distrito de Congjiang, na província de Guizhou, nos últimos anos.

No domínio cultural, lançámos diversos projectos para promover artistas e escritores locais, ajudando-os a chegar ao Interior da China e ao resto do mundo. Criámos o Conselho da Cultura e História e organizamos anualmente o Concurso de Conhecimentos em História, que se tornou uma referência na comunidade escolar de Macau, contando este ano, pela primeira vez, com a participação de escolas internacionais.

Uma contribuição particularmente relevante é a plataforma “Memória de Macau”, a maior base de dados pública sobre o património histórico e cultural da cidade. Disponibilizamos arquivos históricos e culturais relacionados com Macau, facilitando simultaneamente o trabalho de documentação de diversos organismos. Através da investigação histórica e cultural, contribuímos para recuperar a narrativa histórica de Macau e para reforçar valores comuns na sociedade.

Em 2004, atribuímos uma dotação inicial de 100 milhões de patacas para a criação do Fundo para o Desenvolvimento das Ciências e da Tecnologia e apoiámos a criação dos primeiros laboratórios nacionais nas instituições de ensino superior

de Macau. Além da investigação científica, investimos também na divulgação e popularização da ciência.

Acredito que o trabalho da Fundação é um projecto de longo prazo. Temos vindo a lançar bases desde a década de 1990 e os resultados tornaram-se hoje visíveis. Não diria que temos projectos extraordinários ou excepcionais; limitamo-nos a colocar tijolo sobre tijolo, preenchendo lacunas e construindo alicerces.

Macau está a entrar numa nova fase de desenvolvimento, com maior ênfase na estratégia “1+4” para a diversificação económica adequada. A Fundação ajustou as suas prioridades em resposta a estas políticas?

Ao longo dos anos, adaptámos o nosso papel às mudanças da sociedade e das políticas públicas de Macau.

Inicialmente, contribuímos para a reforma do ensino superior e, posteriormente, fomos pioneiros no apoio à investigação tecnológica. Estudámos o desenvolvimento do sector da alta tecnologia e publicámos a obra “Road of Development for Macau High-Tech Industry”, que continua a ser uma referência valiosa.

Dedicámo-nos igualmente ao apoio à investigação histórica e cultural para ajudar os residentes a conhecer melhor a sua cidade, reforçando o sentimento de pertença e os valores culturais. Paralelamente, promovemos intercâmbios entre a China e Portugal e apresentámos já

muitas instituições do Interior da China a Portugal.

Após a transferência de administração, e à medida que os nossos recursos cresceram, também aumentou o nosso apoio às associações locais. Apoiámos tanto o seu funcionamento quotidiano como as suas actividades pontuais, procurando contribuir para uma sociedade mais unida, harmoniosa e dinâmica.

Actualmente, com a prioridade governamental centrada na diversificação económica e na estratégia “1+4”, a Fundação continua a desempenhar o seu papel, apoiando projectos e actividades

promovidos por associações e organizações da sociedade civil.

Nos nossos programas de financiamento para investigação académica e intercâmbios, damos prioridade a projectos relacionados com o desenvolvimento da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin, com a cooperação na área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, com os países de língua portuguesa e com a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”.

Tal como consagrado na legislação, devemos privilegiar projectos alinhados com as estratégias governamentais. Também

em consonância com o 15.º Plano Quinquenal do País, reforçámos a atenção dada à investigação académica e à formação de talentos. Em suma, temos procurado adaptar-nos continuamente às necessidades de desenvolvimento do Governo da RAEM.

À medida que Macau aprofunda a sua integração na Grande Baía, que papel pode a Fundação desempenhar?

Os nossos programas de financiamento para actividades académicas e de intercâmbio privilegiavam projectos que promovam a cooperação regional.

© FUNDAÇÃO MACAU



A plataforma “Memória de Macau” venceu, em 2024, um prémio de inovação na área da educação sobre património mundial

Com o aumento do número de residentes de Macau em Hengqin, cresceu também a procura por serviços sociais e comunitários [em Hengqin] com padrões semelhantes aos de Macau. Nesse sentido, a partir de 2027, iremos compartilhar os custos operacionais das representações em Hengqin de associações comunitárias relevantes de Macau.

Promovemos igualmente a consciencialização dos jovens sobre a integração de Macau no desenvolvimento nacional através de visitas, seminários e outras iniciativas.

Além disso, disponibilizamos oportunidades de estudo e estágios, no Interior da China e no ex-

terior, para ampliar os horizontes das novas gerações.

Existe alguma área onde a Fundação poderá assumir um papel mais estratégico, como a inovação ou a formação de talentos?

A Fundação Macau desempenha sobretudo um papel de apoio financeiro, assumindo por natureza uma posição relativamente passiva. No entanto, já assinamos diversos protocolos de cooperação com departamentos governamentais, organismos públicos e instituições de ensino superior para promover a inovação e o desenvolvimento de talentos.

Por exemplo, apoiámos o Fundo para o Desenvolvimento

das Ciências e da Tecnologia na investigação relacionada com o satélite “Macau Science 1” e disponibilizamos incentivos financeiros para encorajar os residentes a obterem e a reforçarem as suas qualificações profissionais, contribuindo para a diversificação económica.

Além do financiamento para a aquisição de terrenos pela Universidade de Macau em Hengqin para o novo campus da Cidade (Universitária) de Educação Internacional de Macau e Hengqin, está previsto apoio semelhante para outras instituições de ensino superior que também lá terão os seus pólos. Procuramos igualmente oferecer um suporte académico



“Através da investigação histórica e cultural, contribuímos para recuperar a narrativa histórica de Macau e para reforçar valores comuns na sociedade”

mais sólido ao processo de formulação de políticas públicas através do aprofundamento da investigação científica.

Qual a importância da cooperação académica, especialmente com o Interior da China, para a estratégia futura de desenvolvimento de Macau?

A cooperação académica é fundamental. Macau oferece uma perspectiva singular nas áreas das ciências sociais e da filosofia chinesas, ao mesmo tempo que a sua experiência histórica enriquece o processo de desenvolvimento da China.

As nossas parcerias com instituições do Interior da China remontam à década de 1990. Estas colaborações ajudaram-nos a compreender melhor as políticas nacionais após a transferência de administração e favoreceram a criação de equipas conjuntas de investigação.

Neste contexto, Macau distingue-se em três aspectos. Primeiro, pela sua longa tradição de diálogo intercultural, cuja coexistência harmoniosa constitui uma narrativa alternativa para os estudos globais sobre intercâmbio entre culturas.

Segundo, pela bem-sucedida implementação do princípio “um país, dois sistemas”, que possui um valor académico insubstituível para o desenvolvimento das teorias do socialismo com características chinesas e dos estudos sobre governação regional. Terceiro, pelo desenvolvimento recente da chamada “Macaulogia”, que oferece um

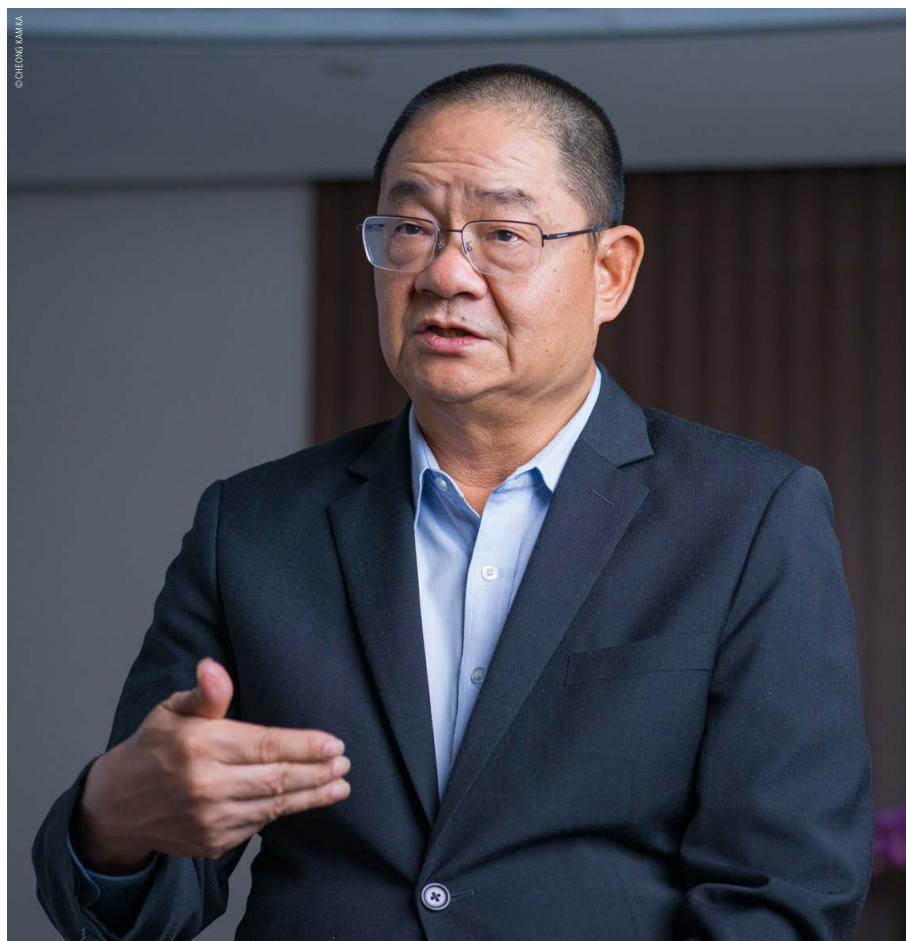
modelo inovador para interpretar o Ocidente a partir de perspetivas chinesas.

Aproveitando estas vantagens, a investigação colaborativa desenvolvida em Macau pode gerar recomendações concretas de políticas públicas com benefícios reais para a sociedade.

Como vê o papel da plataforma “Memória de Macau” na preservação do património documental da cidade?

Preservar não significa apenas conservar. No caso do património documental, limitarmo-nos a guardar documentos não permite compreender o seu valor e

© GUSTAVO KAWA



significado. A verdadeira questão é utilizar esse património para construir uma plataforma que permita a Macau contar a sua própria história de forma interactiva e em línguas acessíveis aos visitantes.

A plataforma “Memória de Macau”, criada pela Fundação Macau após anos de trabalho, procura precisamente contar a história de Macau através da combinação de iniciativas presenciais e digitais.

Desde o início, a ideia central foi a de “construção e partilha por toda a cidade”. O desafio não era criar uma plataforma tecnológica, mas transformá-la num projecto verdadeiramente colaborativo.

A base de dados está aberta a todos, com o objectivo de fortalecer o sentido de pertença e os valores comuns da sociedade. No futuro, pretendemos acrescentar mais conteúdos, organizar melhor a informação disponível e trabalhar com escolas e famílias na recolha de memórias.

Espero também que, à medida que os recursos o permitam, possamos reforçar significativamente os conteúdos disponíveis em português e em inglês.

Quais são as prioridades para ampliar o acesso a materiais históricos e à investigação?

Estamos abertos a todos os tipos de materiais históricos, desde que respeitem os requisitos legais existentes, especialmente em matéria de direitos de propriedade intelectual e autorizações dos respectivos proprietários.

As nossas principais fontes são bibliotecas e museus, seguidos de coleccionadores privados e, por último, de chamadas públicas que permitem a participação de toda a população.

A recolha de materiais junto de diferentes detentores contribui igualmente para aumentar a participação pública e reforçar o sentimento de pertença à cidade.

Como é que a Fundação avalia o impacto dos projectos que apoia?

Macau possui um grande número de associações comunitárias, pelo que é essencial avaliar a sua eficácia e eficiência. Para garantir o maior impacto possível, os apoios devem ser atribuídos de forma profissional e especializada, direccionando recursos para as organizações mais adequadas na persecução desses objectivos. Ao mesmo tempo, é importante avaliar se os projectos respondem efectivamente às necessidades sociais e qual o seu nível de participação.

A reforma do regime de apoio financeiro público, lançada em 2022, criou condições para uma avaliação mais objectiva dos projectos apoiados, através dos relatórios finais e dos relatórios de procedimentos acordados para iniciativas com financiamento superior a um milhão de patacas.

Actualmente está em curso uma revisão do sistema, incluindo a eventual introdução de critérios de avaliação baseados no desempenho e no feedback dos utilizadores, permitindo uma análise mais abrangente do alcance destes projectos.

Qual a importância das bolsas de estudo e programas de intercâmbio envolvendo estudantes de países de língua portuguesa?

Estas iniciativas permitem que estudantes e jovens dos países e regiões de língua portuguesa estabeleçam relações com colegas chineses desde cedo, fortalecendo gradualmente os laços entre o Interior da China, Macau e esses países.

Alguns antigos bolseiros ocupam hoje posições de destaque nos seus países e regiões de origem. Portanto, os resultados destes programas têm sido extremamente positivos.

Além de promover amizades internacionais, a presença de estudantes estrangeiros em Macau incentiva os jovens locais a esforçarem-se mais e a alargarem horizontes, contribuindo para elevar os padrões educativos. Por outro lado, também apoiamos estudantes de Macau através de bolsas para estudos no estrangeiro, permitindo-lhes adquirir experiências internacionais valiosas.

Existem planos para reforçar o papel de Macau como ponte entre a China e os países de língua portuguesa?

A Fundação e os seus parceiros nos países de língua portuguesa reconheceram a importância estratégica de Macau e acordaram aumentar, a partir do ano lectivo de 2026/2027, o número de bolsas para estudantes desses países frequentarem cursos de licenciatura em Macau.



A Fundação co-organiza há vários anos o “Projecto de Formação de Embaixadores da História e Cultura”

A Fundação pretende também criar uma nova modalidade de bolsas de pós-graduação para estudantes internacionais, incluindo provenientes dos países de língua portuguesa, que pretendam realizar mestrados ou doutoramentos em Macau. Este sistema poderá até permitir que académicos estrangeiros desenvolvam investigação a partir dos seus próprios países e descubram novas fontes documentais relacionadas com Macau.

Além das bolsas, mantemos programas de investigação académica e diversas outras formas de cooperação.

Acredito que o elemento mais importante das relações sino-portuguesas continua a ser a educação. Podemos desenvolver publicações próprias, promover

investigação académica e construir parcerias duradouras.

O que destaca como a principal tarefa para a Fundação nos próximos anos?

A Fundação é uma entidade com autonomia administrativa que, ao longo das últimas décadas, procurou utilizar os seus recursos para promover o progresso social de Macau. Trabalhámos em parceria com associações e organizações para construir valores comuns, como o patriotismo, a entreajuda, a harmonia, a abertura, a diligência e o pragmatismo.

Hoje, a estrutura governativa está mais completa, mas continuo a acreditar que a Fundação tem um papel importante a desempenhar. Pretendemos man-

ter a flexibilidade necessária para responder rapidamente às necessidades do Governo da RAEM e às mudanças na sociedade.

O maior desafio será ajudar a sociedade de Macau a adaptar-se à estratégia de diversificação económica, bem como a aprofundar a integração no desenvolvimento nacional, contribuindo para esse processo ao mesmo tempo que se procura reforçar a internacionalização da cidade.

Estamos actualmente a realizar uma revisão global do nosso trabalho. Um dos objectivos centrais é reforçar o papel da Fundação como instituição construtora de valores comuns e apoiar a evolução das associações e organizações de Macau rumo a um desenvolvimento de maior qualidade. ■

VER
VÍDEO
AQUI



CONSTRUIR PONTES ENTRE CONTINENTES

Texto **Lou Mei Kuan**

Do Atlântico à Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, Eric Ho King Fung quer abrir uma nova etapa nas relações entre o Interior da China, Cabo Verde e Macau. O novo cônsul honorário de Cabo Verde em Macau assume a missão de aproximar comunidades, empresas e instituições, com o objectivo de transformar afinidades históricas em projectos concretos

Macau voltou a contar, em Março deste ano, com representação diplomática cabo-verdiana. A nomeação de Eric Ho King Fung, membro da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês (CCPPC) de Pequim, pôs fim a vários anos de vacatura no cargo de cônsul honorário de Cabo Verde na Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

Para Eric Ho, exercer o cargo numa nova era de desenvolvimento implica uma missão que vai além do apoio à comunidade cabo-verdiana residente em Macau. A principal prioridade, explica, é servir de ponte para

promover o intercâmbio entre a China e Cabo Verde – e, num plano mais amplo, entre a China e África –, promovendo a articulação de recursos e uma cooperação mais eficaz.

“Enquanto cônsul honorário, espero desempenhar o papel de ponte entre a China e Cabo Verde para promover intercâmbios nos domínios económico, cultural, tecnológico e desportivo. Pretendo ainda reforçar o papel de Macau como plataforma para o avanço da cooperação com Cabo Verde”, refere Eric Ho.

Ao fim de cinquenta anos de relações diplomáticas, a cooperação entre a China e Cabo Verde assenta numa base sólida

de amizade, confiança e resultados concretos. Segundo Eric Ho, a China apoiou em diversas ocasiões o desenvolvimento de infra-estruturas no arquipélago africano. “Quando a selecção nacional de futebol de Cabo Verde conseguiu a qualificação para o Campeonato do Mundo, a equipa expressou o seu agradecimento pelo apoio da China na construção do estádio”, recorda.

O exemplo reflecte o impacto da cooperação sino-cabo-verdiana nos domínios do desporto e das infra-estruturas, uma dinâmica que se estende a outras áreas.

A China assinou também acordos de isenção de tarifas com vários países africanos, incluindo

Cabo Verde, facilitando o desenvolvimento do comércio bilateral. Este ambiente favorável permitiu que, mesmo com recursos limitados, Cabo Verde mantivesse uma procura constante por produtos alimentares e outros bens provenientes da China, contribuindo para consolidar a relação comercial entre os dois países.

Neste contexto, afirma, marcas chinesas, como a BYD, já são utilizadas como viaturas oficiais do Governo cabo-verdiano. Para o cônsul honorário, este é um sinal de que as empresas chinesas estão a integrar-se nos países onde conduzem os seus negócios, pro-

curando adoptar novos modelos de cooperação económica.

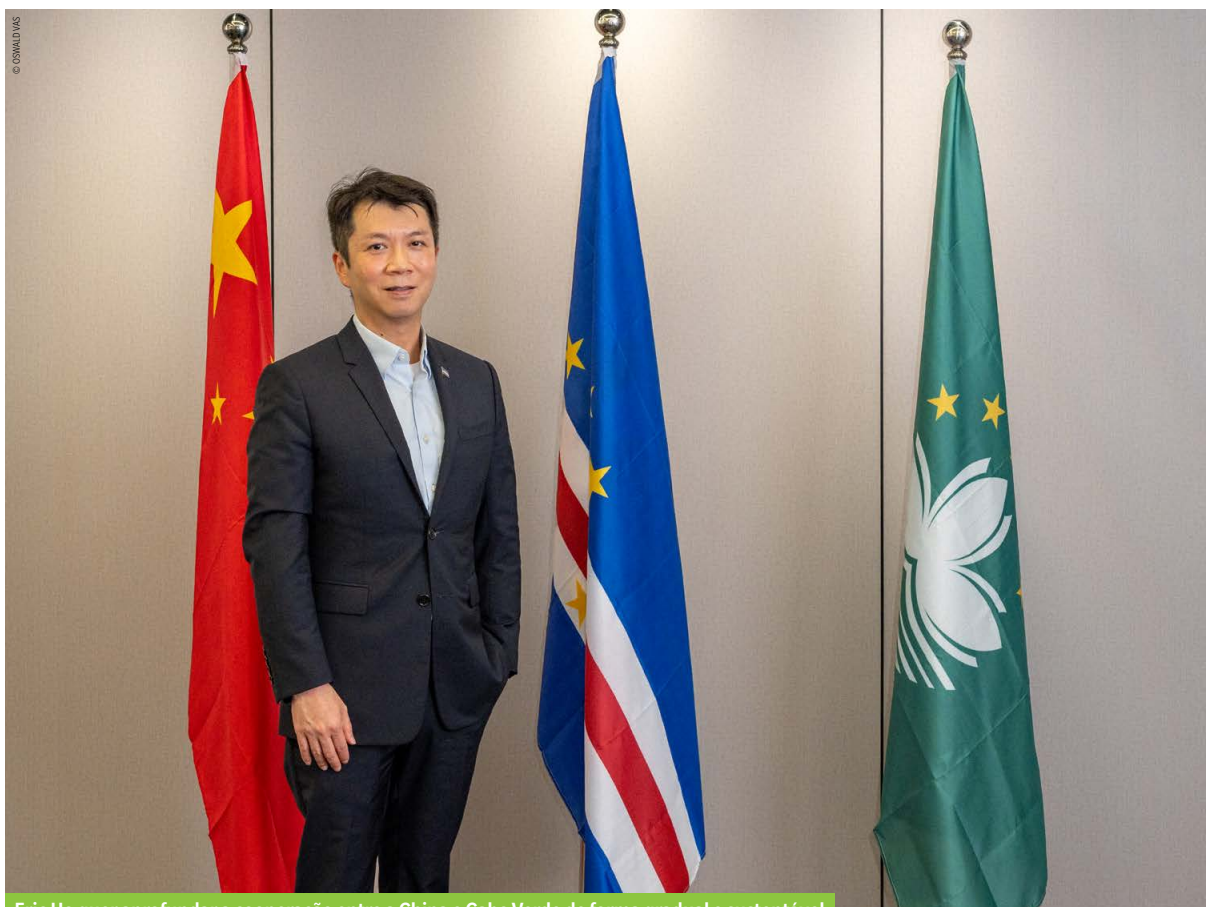
“Estes intercâmbios e apoios fortaleceram a parceria bilateral, o que abriu novas oportunidades para futuras colaborações em vários sectores”, destaca Eric Ho, que também desempenha funções como presidente da Associação de Cambistas de Macau.

O PAPEL ÚNICO DE MACAU

As vantagens apresentadas por Macau têm vindo a ganhar maior relevância no quadro das relações sino-africanas. Eric Ho considera que, graças ao princípio “um país, dois sistemas” e ao

ambiente multicultural e multilingue, a RAEM pode afirmar-se como um verdadeiro “super-conector” entre a China e os países africanos, particularmente os de expressão portuguesa.

O cônsul honorário reconhece o elevado potencial de desenvolvimento de África e sublinha que, nos últimos anos, a cooperação entre a China e o continente africano se reforçou em várias áreas, como infra-estruturas, energia e tecnologia. Países como Cabo Verde estão atentos às oportunidades criadas pelo desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-



Eric Ho quer aprofundar a cooperação entre a China e Cabo Verde de forma gradual e sustentável

-Hong Kong-Macau e procuram tirar partido desta dinâmica para alcançar uma maior complementaridade industrial.

“Se ambas as partes querem explorar oportunidades de cooperação, porque não torná-las realidade? A África e a China são complementares principalmente nos aspectos económicos e de recursos, o que está alinhado com a iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’. Espero que, no futuro, seja possível promover mais trocas e parcerias de forma gradual”, destaca Eric Ho.

Ao longo dos anos, os governos de Macau e de Cabo Verde assinaram diversos acordos nos domínios fiscal, jurídico e policial. Além disso, através do Fórum

para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) – também conhecido como Fórum de Macau – e do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento (IPIM), foram também concretizados projectos em áreas como tributação e turismo. Estes avanços reforçaram ainda mais o papel de Macau como elo entre a China e os países de língua portuguesa, diz o cônsul honorário.

APROFUNDAR A COOPERAÇÃO

Eric Ho admite que, apesar de Cabo Verde ter conquistado maior visibilidade junto do público do Interior da China e de Macau graças ao Campeonato

do Mundo de futebol, ainda persistem obstáculos a uma cooperação mais profunda, sobretudo devido à distância e à falta de informação. Nesse sentido, defende a criação de mais oportunidades para que os residentes de Macau conheçam de perto os recursos naturais e o ambiente empresarial de Cabo Verde. “Sem visitar Cabo Verde, é difícil apreciar verdadeiramente a sua beleza, a riqueza dos seus recursos naturais e as boas condições que oferece para negócios”, adianta.

Cabo Verde é um país formado por dez ilhas principais e vários ilhéus menores. Entre as ilhas principais, segundo Eric Ho, oito dispõem de infra-estruturas de-



Os produtos do mar lideram a economia exportadora de Cabo Verde

“Sem visitar Cabo Verde, é difícil apreciar verdadeiramente a sua beleza, a riqueza dos seus recursos naturais e as boas condições que oferece para negócios”

ERIC HO

Cônsul honorário de Cabo Verde em Macau

sempre envolvidas e de abundantes recursos naturais. O sector das energias renováveis, em particular a energia solar, tem registado um rápido crescimento. Além deste potencial, a localização do país no Atlântico proporciona-lhe uma oferta significativa de produtos do mar de elevada qualidade. Estas vantagens constituem uma base sólida para reforçar as relações comerciais e apresentar novas oportunidades de cooperação.

Para Eric Ho, o primeiro passo para aprofundar a cooperação deve ser dado nos domínios económico e comercial. O cônsul honorário está a preparar, para o próximo ano, a viagem de uma delegação empresarial de Macau a Cabo Verde, com o apoio do Governo da RAEM e do IPIM, para dar a conhecer o ambiente de investimento no país africano,

referindo ainda que já estabeleceu contactos com as autoridades do Governo Central, e espera que empresários do Interior da China possam também juntar-se à iniciativa para explorar oportunidades de cooperação com Cabo Verde.

A maior notoriedade internacional de Cabo Verde despertou um interesse crescente pela

participação na delegação. Ainda assim, Eric Ho sublinha que a qualidade deverá prevalecer sobre a quantidade, privilegiando a participação de empresas de elevada qualidade e de quadros qualificados. O objectivo, explica, é promover uma colaboração de benefício mútuo que vá além do turismo ou dos intercâmbios oficiais. O cônsul honorário



espera também que, no futuro, mais cabo-verdianos visitem Macau, reforçando o diálogo e o contacto a longo prazo entre as duas partes.

Embora as políticas de vistos entre a China e Cabo Verde sejam já relativamente acessíveis, as ligações aéreas continuam a representar um desafio. Eric Ho admite que a abertura de voos directos será difícil a curto prazo, mas acredita que o aumento da procura por rotas mais rápidas poderá criar condições para novas ligações no futuro.

O cônsul honorário salienta ainda que o sucesso da cooperação turística depende igualmente do reforço das infra-estruturas e dos serviços de apoio, como transportes, restauração e hotelaria. Para preservar a reputação de Cabo Verde como “as Maldivas de África”, Eric Ho considera essencial avançar de forma gradual, acompanhada pelo aumento da capacidade aérea e hoteleira.

Nesse sentido, o cônsul honorário incentiva as empresas chinesas dos sectores da hotelaria e dos serviços a explorarem o mercado cabo-verdiano, investindo em hotéis, agências de viagem e projectos de transporte. A experiência e os recursos das empresas chinesas, considera, poderão contribuir para melhorar as infra-estruturas turísticas e a experiência dos visitantes.

COOPERAÇÃO FINANCEIRA E DIGITAL

No domínio financeiro, a China e Cabo Verde estão a estudar a utilização do renminbi no sistema

financeiro local, realça Eric Ho, incluindo a possibilidade de se efectuar pagamentos comerciais directamente na moeda chinesa. Representantes do Banco de Cabo Verde já visitaram Macau para analisar a integração do renminbi no sistema de liquidação, uma das principais direcções da cooperação bilateral. Quanto à eventual abertura de uma sucursal do Banco da China em Cabo Verde, o cônsul honorário refere que ainda será necessário obter apoio político, mas garante que vai continuar a promover essa possibilidade.

“Caso os países africanos venham a ter uma sucursal de bancos da China, a confiança dos investidores chineses que pretendem apostar nesses países vai aumentar significativamente”, afirma Eric Ho.

A delegação empresarial prevista para o próximo ano deverá incluir profissionais do sector bancário do Interior da China e de Macau. A intenção é promover o diálogo com as autoridades e empresas cabo-verdianas, identificar as necessidades do mercado e explorar, em conjunto, novas formas de cooperação nos sectores financeiro e digital, incluindo os pagamentos internacionais, avança o cônsul honorário.

Além de incentivar visitas de profissionais do Interior da China e de Macau a Cabo Verde, Eric Ho está empenhado em fortalecer a coesão da comunidade cabo-verdiana em Macau e apoiar os estudantes que vivem na cidade. “Os jovens são essenciais para uma

cooperação sustentável entre as duas regiões”, sublinha. Macau conta actualmente com mais de uma centena de cidadãos cabo-verdianos, a maioria estudantes, segundo Eric Ho.

O cônsul honorário recorda que a Fundação Macau concede anualmente bolsas de estudo a dez estudantes cabo-verdianos para prosseguirem a sua formação na cidade. Desde que assumiu funções, tem como um dos seus objectivos aumentar esse número.

Eric Ho pretende também adoptar um modelo de recrutamento mais estruturado e criar cursos de apoio ao ensino de línguas, ajudando os alunos a adaptarem-se ao ambiente linguístico e cultural. A meta, diz, é formar quadros qualificados para futuras colaborações nas áreas do comércio, tecnologia e gestão.

“O nosso plano é expandir ainda mais o número de vagas e iniciar novos contactos com mais instituições de ensino superior locais, como a Faculdade de Medicina da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, para garantir aos estudantes cabo-verdianos oportunidades de acesso a um ensino mais diversificado e completo em Macau”, frisa o cônsul honorário.

DESPORTO E SUSTENTABILIDADE

A cooperação desportiva pode, na perspectiva de Eric Ho, produzir efeitos positivos em áreas tão diversas como a educação, a formação dos jovens e a promoção de novas oportunidades económicas.



Cabo Verde ganhou maior visibilidade este ano devido à prestação da selecção de futebol no Campeonato do Mundo

O cônsul honorário revela estar em contacto com a Federação Cabo-Verdiana de Futebol, com o objectivo de convidar a selecção que participou no último Campeonato do Mundo de futebol a visitar o Interior da China e Macau. Além do futebol, destaca também o crescimento do basquetebol em Cabo Verde.

O passo seguinte será promover programas de intercâmbio mais diversificados e abrangentes, que vão além de um único evento desportivo e incluam o desenvolvimento dos jovens e a participação comunitária. Entre as possibilidades estão jogos amigáveis entre equipas juvenis e de campos de férias de futebol, criando oportunidades de con-

tacto directo entre participantes do Interior da China, de Cabo Verde e de Macau, alargando os seus horizontes internacionais.

“Antes, era mais comum recorrer a recursos desportivos de países como Portugal, Reino Unido ou Brasil, mas Cabo Verde é, na verdade, uma excelente alternativa”, afirma Eric Ho. “O consulado está empenhado em promover este tipo de cooperação. Sabemos que nem sempre se concretiza de imediato, mas já demos os primeiros passos.”

Olhando para o futuro, Eric Ho considera que a cooperação entre o Interior da China, Cabo Verde e Macau deve avançar sem pressas, mas também sem ficar pela superfície. Tendo Cabo Verde e

Macau populações de dimensão semelhante, o desenvolvimento do turismo e de outros sectores deve respeitar a capacidade local, através do reforço das infra-estruturas, da atracção de empresas de qualidade e de uma abordagem sustentável.

A amizade entre a China e Cabo Verde, construída ao longo de cinquenta anos, assenta no respeito mútuo e no apoio recíproco, salienta Eric Ho. Com a reabertura do consulado honorário e o reforço do papel do Fórum de Macau, o cônsul honorário acredita estarem reunidas as condições sólidas para aprofundar a cooperação em múltiplas áreas e alcançar resultados concretos. ■

À REDESCOBERTA DE MIO PANG FEI

Texto **Margarida Vidinha**



A exposição "Contemplações Oriente-Occidente: Retrospectiva de Mio Pang Fei" inclui um total de 90 obras do artista

O Museu de Arte de Macau acolhe, até 11 de Outubro, a mostra “Contemplações Oriente-Occidente: Retrospectiva de Mio Pang Fei”. A propósito da exposição, a Revista Macau esteve à conversa com quem partilhou o quotidiano com o pintor, num perfil que cruza a sua trajectória artística com o seu legado familiar e pessoal



“O atelier, onde [Mio Pang Fei] passava horas e horas a trabalhar, era quase uma extensão da casa... Na altura, naturalmente, não tinha consciência da dimensão do seu percurso artístico. Para mim, era simplesmente o meu avô a pintar.”

A recordação faz parte das memórias familiares de Afonso Biscaia, neto do pintor.

“A imagem mais viva que tenho dele é no atelier, completamente concentrado, rodeado das suas obras. Ainda hoje, quando vejo fotografias desse espaço, transportam-me imediatamente para esses momentos”, diz, em declarações à Revista Macau.

A exposição “Contemplações Oriente-Occidente: Retrospectiva de Mio Pang Fei”, patente no Museu de Arte de Macau (MAM) até 11 de Outubro, termina exactamente com uma reconstituição do estúdio do artista. O espaço, acompanhado de fotografias raras, de filmagens documentais e de uma linha cronológica detalhada, foi recriado com ajuda da filha de Mio Pang Fei, a também artista Cristina Mio U Kit, co-curadora da mostra.

A iniciativa serve para celebrar o 90.º aniversário do nascimento do artista, falecido em 2020, abordando desde os seus primeiros anos em Xangai até ao florescimento criativo em Macau. Estão patentes 90 obras, numa paleta que cobre pinturas e obras utilizando técnicas mistas, além de instalações e manuscritos.

“BRILHANTE, INOVADOR E PIONEIRO”

A exposição foi elaborada com co-organização do Círculo dos Amigos da Cultura de Macau (CAC). O grupo foi uma das plataformas utilizadas por Mio Pang Fei na sua afirmação artística.

Criado em 1985, o CAC contou como fundadores os artistas locais Carlos Marreiros, Victor Hugo Marreiros, Ung Vai Meng e Kwok Woon, além do próprio Mio e da esposa, a pintora Un Chi Iam, falecida este ano. Através da promoção de uma exploração inovadora das linguagens visuais, desempenhou um papel vanguardista na cena artística contemporânea da cidade.

Nas palavras do amigo Carlos Marreiros, presidente do CAC, a homenagem a Mio Pang Fei através da retrospectiva no MAM celebra não só a sua relevância artística – “por ser um pintor brilhante,

inovador e pioneiro” –, mas também os “contributos que deixou a Macau”.

Afonso Biscaia acrescenta que a mostra “tem um significado muito especial” a nível pessoal. “Para além da dimensão emocional de ver o trabalho do meu avô reunido numa grande retrospectiva, senti um enorme privilégio e responsabilidade por poder contribuir também para a preparação desta exposição. Foi uma oportunidade de ajudar a contar a sua história às novas gerações e ao mundo que ainda não o conhece.”

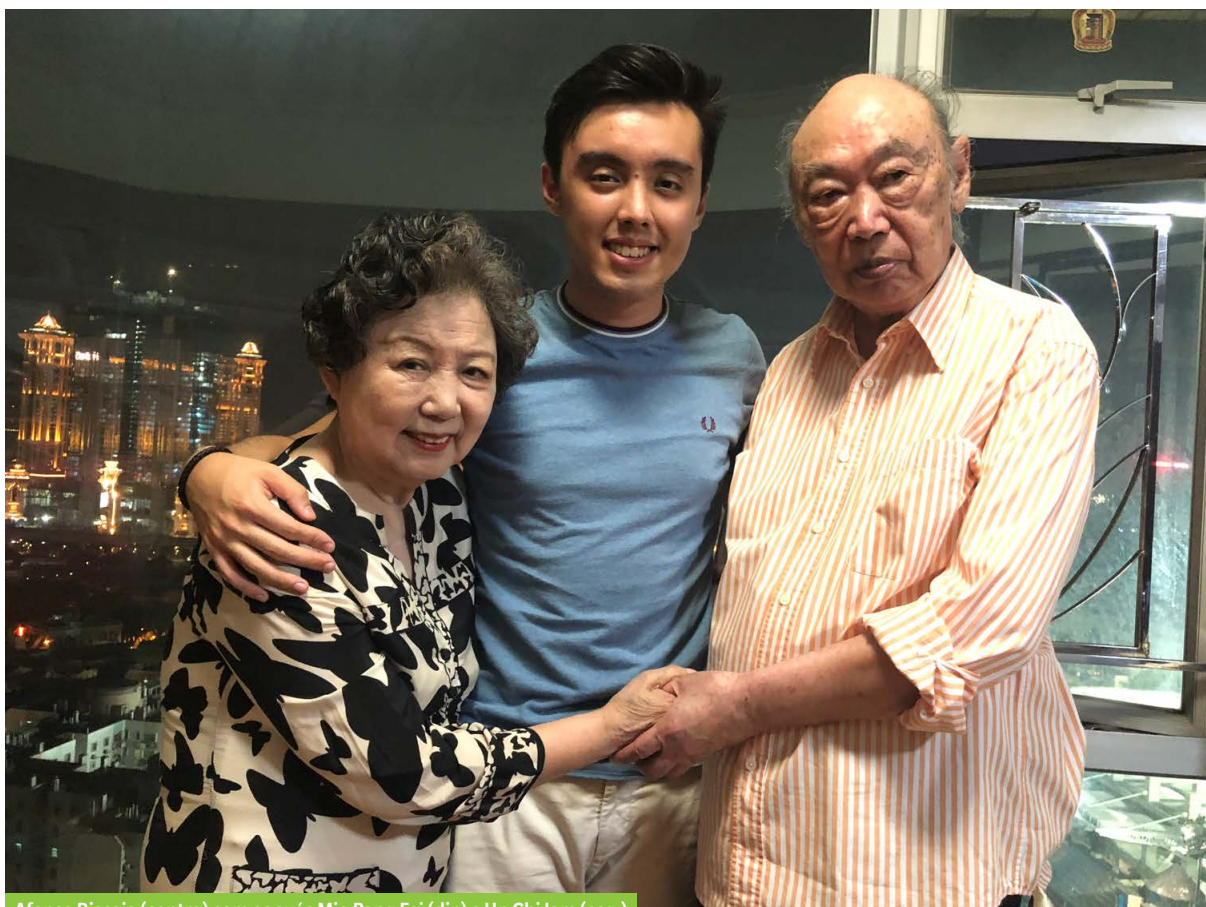
Na sua vida artística, Mio Pang Fei não se limitou a seguir tendências. O pintor criou a sua própria corrente, denominada neo-orientalismo, buscando uma síntese entre a tradição cultural chinesa e a arte contemporânea ocidental. Como explica o neto Afonso Biscaia, o neo-orientalismo de Mio procurava “preservar o espírito e a filosofia da cultura

oriental, utilizando a linguagem moderna ocidental como meio de expressão”.

Carlos Marreiros acrescenta que o artista pretendia estabelecer uma forma de arte “genuinamente chinesa”, através de uma pintura “muito contemporânea”. Segundo o arquitecto, “não era só pegar no exotismo chinês, mas criar uma arte com espírito e alma chineses, utilizando técnicas ocidentais”.

A dança entre culturas apresentada nas suas telas tornou-se a marca de água de Mio Pang Fei. A abordagem inovadora explica a sua presença em exposições internacionais, incluindo a mostra “Caminho e Aventura: Obras de Mio Pang Fei”, que representou Macau na Bienal de Veneza de 2015, um dos momentos finais de consagração do artista ainda em vida.

“Foi um reconhecimento internacional de extrema importância”, recorda Afonso Biscaia. “Representar Macau numa das mais prestigiadas



Afonso Biscaia (centro) com os avós Mio Pang Fei (dir.) e Un Chi lam (esq.)

© DIREITOS RESERVADOS

“A obra profunda, a maior dele, a obra valorosa, foi feita aqui. É legítimo que Macau reclame para si Mio Pang Fei como um artista de Macau”

CARLOS MARREIROS

Presidente do Círculo dos Amigos
da Cultura de Macau



plataformas mundiais de arte contemporânea demonstrou que o seu trabalho tinha relevância muito para além do contexto local e permitiu apresentar o neo-orientalismo a um público global.”

MACAU COMO PLATAFORMA CRIATIVA

Mio Pang Fei nasceu em 1936 em Xangai. A paixão pela pintura terá surgido aos cinco ou seis anos, recordou numa entrevista em 2015 à Revista Macau, quando começou a desenhar, nas paredes e portas da sua casa, os tigres e leões que via com os pais no jardim zoológico.

Formado na Faculdade de Belas-Artes da Universidade Normal de Fujian, estudou, no início da sua carreira, pintura ocidental com o académico e artista Xie Toubu; mais tarde, aprofundou autonomamente a sua pesquisa sobre arte moderna ocidental. Nos anos 1960, sob a orientação do pintor Liu Haisu, lançou-se numa profunda investigação sobre a arte tradicional chinesa.

Em 1982, mudou-se para Macau, onde realizaria a sua primeira exposição de arte abstracta, no então Museu Luís de Camões, em Dezembro de 1985. Porém, os primeiros anos na cidade não foram fáceis, como recorda Carlos Marreiros: Mio Pang Fei

começou por desenhar cartazes de projectos imobiliários, para conseguir sustentar a família.

“Quando os prédios eram construídos, tinham grandes imagens a apresentar como iriam ficar. Agora isso é feito por ‘renderings’ de computador, mas antigamente eram pintadas à mão sobre grandes superfícies de zinco. Era um trabalho mal pago e muito difícil.”

Após o sucesso da primeira exposição, Mio Pang Fei começou a enveredar de forma mais efectiva pelo ramo artístico e criativo. Ainda na década de 1980, teve a oportunidade de viajar até à Europa, onde pôde observar in loco o desenvolvimento da arte contemporânea internacional.

No Interior da China, “recebeu uma formação sólida, muito focada no estudo da arte tradicional chinesa”, explica o neto. “Mas foi já em Macau que iria aprofundar a tradição académica ocidental. Macau ofereceu-lhe o contexto ideal para desenvolver o neo-orientalismo.”

Carlos Marreiros confirma: “Ele era chinês, de Xangai, mas era de Macau também. Foi em Macau que começou a pintar com materiais ocidentais. Viveu 38 anos em Macau. A obra profunda, a maior dele, a obra valorosa, foi feita aqui. É legítimo que Macau reclame

para si Mio Pang Fei como um artista de Macau.”

O reconhecimento do seu papel pelas autoridades locais chegou em dose dupla. Mio Pang Fei viu ser-lhe atribuída a Medalha de Mérito Cultural por duas vezes, em 1999 e 2016.

A sua obra percorreu o mundo. Foi exposta de Portugal ao Japão, da Bélgica à Coreia do Sul, da Austrália à Índia, entre outros países, além do Interior da China, Macau e Hong Kong.

Mio Pang Fei foi ainda professor visitante da Universidade das Artes de Nanquim e da Academia de Belas-Artes da Universidade de Xangai. Desempenhou também o cargo de vice-reitor da Academia de Artes Visuais de Macau, tendo posteriormente leccionado na Escola de Artes do então Instituto Politécnico de Macau (actual Universidade Politécnica de Macau).

TRILHAR UM NOVO CAMINHO

A vida de Mio Pang Fei foi marcada por uma procura incessante por um tipo de expressão artística que

conciliasse quer a tradição, quer a modernidade, quer o Oriente, quer o Ocidente.

“Foi alguém que passou a vida toda à procura de uma linguagem artística própria. Nunca se limitou a seguir tendências”, defende o neto.

Carlos Marreiros fala num homem “erudito”, conhecedor da cultura e civilização chinesas. “Nem todos os artistas, quer os mais jovens, quer os menos jovens, têm esta bagagem intelectual”, afirma, sublinhando que tal era a base sólida que permitia a Mio Pang Fei seguir o seu próprio rumo.

Entre as obras mais marcantes, destaca-se a série “Shui Hu”, inspirada pelo clássico da literatura chinesa “Shui Hu Zhuan” (“Margem da Água”), que dá título a uma das secções da retrospectiva no MAM. Para o neto, este conjunto de trabalhos é representativo da “maturidade do pensamento artístico” de Mio Pang Fei, nomeadamente na forma como “conseguiu reinterpretar um clássico da literatura chinesa através de uma linguagem profundamente contemporânea”.



A exposição no Museu de Arte de Macau inclui uma reconstituição do atelier de Mio Pang Fei



A mostra inclui pinturas e obras utilizando técnicas mistas, além de instalações e manuscritos

A nível pessoal, os traços da personalidade de Mio Pang Fei mais recordados são a disciplina e a inteligência. “Era uma pessoa extremamente curiosa, disciplinada e profundamente humana”, afirma Afonso Biscaia. Carlos Marreiros nota que “tudo aquilo que fazia era racionalmente controlado; aquilo que aparentemente parecia espontâneo, era pensado”.

UMA OBRA VIVA

Após o falecimento do artista em 2020, a família assumiu a responsabilidade de preservar e divulgar o seu legado. A retrospectiva no MAM é mais um passo nesse sentido.

“Decidi dar o meu contributo para que a sua obra continuasse a chegar a novas gerações”, diz o neto. “Desde então, tenho procurado fazê-lo através das redes sociais”, com as páginas “@miopangfei” no Instagram e “Mio Pang Fei” no Facebook, “sustentadas por um trabalho contínuo de digitalização do espólio, que inclui uma vasta colecção de fotografias, vídeos, documentos e artigos”.

O esforço não se limita à conservação física e digital das obras, mas passa também pela divulgação, de forma a chegar a novos públicos. “Vejo muitos antigos alunos, investigadores, artistas e jovens visitantes a continuarem a descobrir a obra do meu avô. Isso deixa-me orgulhoso, pois o sonho e o propósito dele concretizaram-se”, afirma Afonso Biscaia.

Para Carlos Marreiros, tal mostra que o legado de Mio Pang Fei, além de artístico, é também pedagógico: ensinou a importância da experimentação e da busca de uma linguagem artística própria. “Consegui influenciar muitos jovens a seguirem uma linha contemporânea. Não necessariamente a imitarem-no, mas pelo menos a exercitarem o experimentalismo.”

Para Afonso Biscaia, uma das “maiores alegrias” associadas à exposição no MAM tem sido ver que, “mesmo passados vários anos desde o seu falecimento, a arte de Mio Pang Fei continua a emocionar, a despertar curiosidade e a reunir pessoas de diferentes gerações”. E remata: “Creio que esse é o sinal mais bonito de que o seu legado permanece verdadeiramente vivo.” ■

Trazar a natureza para o pátio

Em Suzhou, o tempo ensinou aos homens a arte de condensar em jardins tradicionais o gigantismo das montanhas e a simplicidade dos rios, em pinceladas de delicada arquitectura paisagística

Hoje, como há centenas de anos, entrar num jardim tradicional chinês não significa apenas desfrutar de uma experiência estética ímpar. É também aceder a uma lição intemporal sobre a relação entre a natureza e o quotidiano segundo a cultura clássica chinesa.

Se há local onde essa lição é particularmente visível, trata-se de Suzhou, na província de Jiangsu, no sudeste do País. Na histórica cidade, a construção de jardins ornamentais é um costume antigo: de acordo com diversos registos, remonta ao século VI a.C..

A prática conheceu um crescimento significativo durante as dinastias Tang (618-907) e Song (960-1279), período durante o qual muitos letrados e funcionários imperiais se instalaram em Suzhou, atraídos pela beleza das suas paisagens. Desiludidos com a carreira oficial ou pouco dispostos a participar em disputas políticas, frequentemente escolhiam a cidade como lugar de residência. Aí, procuravam recorrer à arte paisagística para conceber refúgios de tranquilidade e natureza em forma de jardim.

Ainda assim, o período de maior prosperidade terá acontecido durante as dinastias Ming (1368-1644) e Qing (1644-1911), altura em que chegaram a coexistir em Suzhou mais de 200 jardins ornamentais privados. Ainda hoje se conservam várias dezenas: destes, destacam-se nove exemplares, inscritos na Lista do Património Mundial da UNESCO em duas levadas, em 1997 e 2000.

As condições naturais e socioeconómicas de Suzhou justificam em parte a profusão de jardins clássicos. A histórica cidade situa-se na região do Lago Tai, gozando de um clima ameno, profusão de água e, desde cedo, grande abundância agrícola e comercial. A região é também conhecida pelas chamadas “pedras do Lago Tai”, de características porosas e formas irregulares, muito apreciadas para efeitos ornamentais.

Com a abertura do troço do Grande Canal da China a sul do rio Yangtzé, segmento também conhecido como o Canal de Jiangnan, obra iniciada em 610, Suzhou ganhou uma posição estratégica nas rotas comerciais

imperiais. Durante as dinastias Ming e Qing, afirmou-se como uma das cidades mais ricas do País, prosperidade essa que forneceu os recursos necessários para a construção de sumptuosos jardins privados.

JOGOS DE PEDRA E LUZ

A ideia central que caracteriza os jardins clássicos de Suzhou é a de simular espaços naturais numa área limitada. Procura-se insinuar montanhas e cursos de água, enquanto se pretende fazer com que a paisagem mude a cada passo do visitante.

É neste jogo de impressões que as pedras do Lago Tai desempenham um importante papel, através de construções que recriam picos montanhosos, grutas e ravinas. Já através do uso de lagos, pequenas pontes curvas e canais sinuosos, sugere-se a atmosfera bucólica das zonas ribeirinhas do sul da China.

A profusão de janelas ornamentais produz molduras naturais, enquadrando as sombras das árvores, as pedras decorativas e os beirais de desenho tradicional em imagens de beleza ostentosa. Plantas como a



O "Jardim Liu" é um dos nove jardins clássicos de Suzhou inscritos na Lista do Património Mundial da UNESCO

ameixeira, a orquídea, o bambu e o crisântemo são presença comum, simbolizando valores tradicionalmente apreciados pelos letrados chineses, como a perseverança, a elegância, a rectidão e o desprendimento.

Entre os muitos jardins clássicos de Suzhou, o "Pavilhão Canglang", o "Bosque dos Leões", o "Jardim do Administrador Humilde" e o "Jardim Liu" contam-se entre os mais famosos.

O "Bosque dos Leões" é particularmente notável. Construído na dinastia Yuan (1279-1368), esteve inicialmente associado a um templo budista. O seu nome está ligado ao facto de muitas das suas pedras ornamentais se assemelharem a leões, animal que, no budismo, simboliza nobreza, sabedoria e solenidade.

No início do século XX, o jardim foi adquirido por uma família de Suzhou de apelido Bei (também grafado como "Pei" no Ocidente). Foi no seio dessa família que nasceu o reputado arquitecto Ieoh Ming Pei, autor da afamada pirâmide de vidro do Museu do Louvre, em Paris, e do Centro de Ciência de Macau. Em criança, o pequeno Pei visitava frequentemente o jardim, tendo mais tarde reconhecido que as suas aventuras entre as grutas, rochedos e jogos de luz do "Bosque dos Leões" influenciaram profundamente a sua compreensão do espaço e da relação entre arquitectura e iluminação.

DE SUZHOU PARA O MUNDO

Os jardins de Suzhou rapidamente entraram no imaginário

da Europa, após a chegada dos navegantes europeus às costas chinesas. Em 1638, o jesuíta português Álvaro Semedo apresentou as casas e jardins clássicos chineses aos leitores do Velho Continente na obra "Relação da Grande Monarquia da China". Aí, observava que as famílias chinesas mais prósperas tinham por tradição plantar flores e árvores nos seus amplos pátios, onde mantinham aves e veados, erguendo nesses espaços formações rochosas artificiais com recurso a grandes pedras ornamentais que mandavam transportar de lugares distantes. A isto se somavam lagos escavados, repletos de peixes.

Com a crescente circulação de cartas e relatos de viagens sobre a China, difundiram-se na Europa imagens dos jardins clássicos chineses, alimentando o fascínio sobre o Império do Meio. As opções estéticas destes espaços acabariam, assim, por exercer influência significativa sobre o paisagismo europeu.

Mais tarde, os jardins de estilo Suzhou "viajaram" para outras paragens distantes, servindo de modelo para espaços espalhados por diversos países. Por exemplo, no Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque, é possível visitar o Astor Court, uma instalação artística de 1981, com uma área de 400 metros quadrados, inspirada num pequeno pátio do Jardim do Mestre das Redes, em Suzhou. ■

Versão editada de texto extraído da edição n.º 147 da coluna especial "Um Vislumbre da Cultura Chinesa", iniciativa do Macao Daily News em colaboração com o Diário de Notícias

ONDE NASCEM

Texto **Vítor Rebelo**

Os campeonatos interescolares são, para muitos jovens, a primeira experiência competitiva e um importante ponto de partida para o desporto federado. Atletas, treinadores e professores defendem uma ligação cada vez mais estreita entre escolas e associações para garantir o futuro do desporto em Macau

Todos os anos, milhares de alunos entram em campo, mergulham na piscina, alinham na pista ou disputam jogos nos pavilhões escolares de Macau. Para muitos, os campeonatos interescolares são apenas mais uma actividade do calendário escolar. Para outros, representam o primeiro contacto com a competição organizada e o início de um percurso que poderá prolongar-se no desporto federado.

Actualmente, o desporto escolar em Macau engloba mais de uma dezena de modalidades, sendo o futebol a mais procurada pelos estudantes. Mas, mais do que os resultados ou os troféus, atletas, treinadores e professores ouvidos pela Revista Macau convergem numa ideia: é na escola que se constrói a base da pirâmide do desenvolvimento desportivo. Para que essa base produza

novos talentos, acrescentam, é essencial reforçar a articulação entre o ensino e o movimento associativo.

O desporto escolar e o desporto federado são duas realidades distintas, mas complementares. Em Macau, e em particular através dos campeonatos interescolares, o desporto escolar tem conhecido um desenvolvimento assinalável. No ano lectivo que terminou em Junho do corrente ano, os estudantes locais competiram em 14 modalidades. Entre as mais populares destacam-se o futebol, o atletismo, a natação, o basquetebol, o voleibol e o badminton. O calendário inclui igualmente provas de ténis de mesa, andebol, judo, bolinha, ténis, corta-mato, hóquei em campo e artes marciais.

Com o início de um novo ano lectivo, as escolas começam desde logo a preparar uma das



OS CAMPEÕES



O futebol continua a ser a modalidade que atrai mais estudantes para campeonatos interescolares

actividades extracurriculares que maior entusiasmo desperta entre os alunos: os campeonatos interescolares organizados pela Direcção dos Serviços de Educação e de Desenvolvimento da Juventude (DSEDJ).

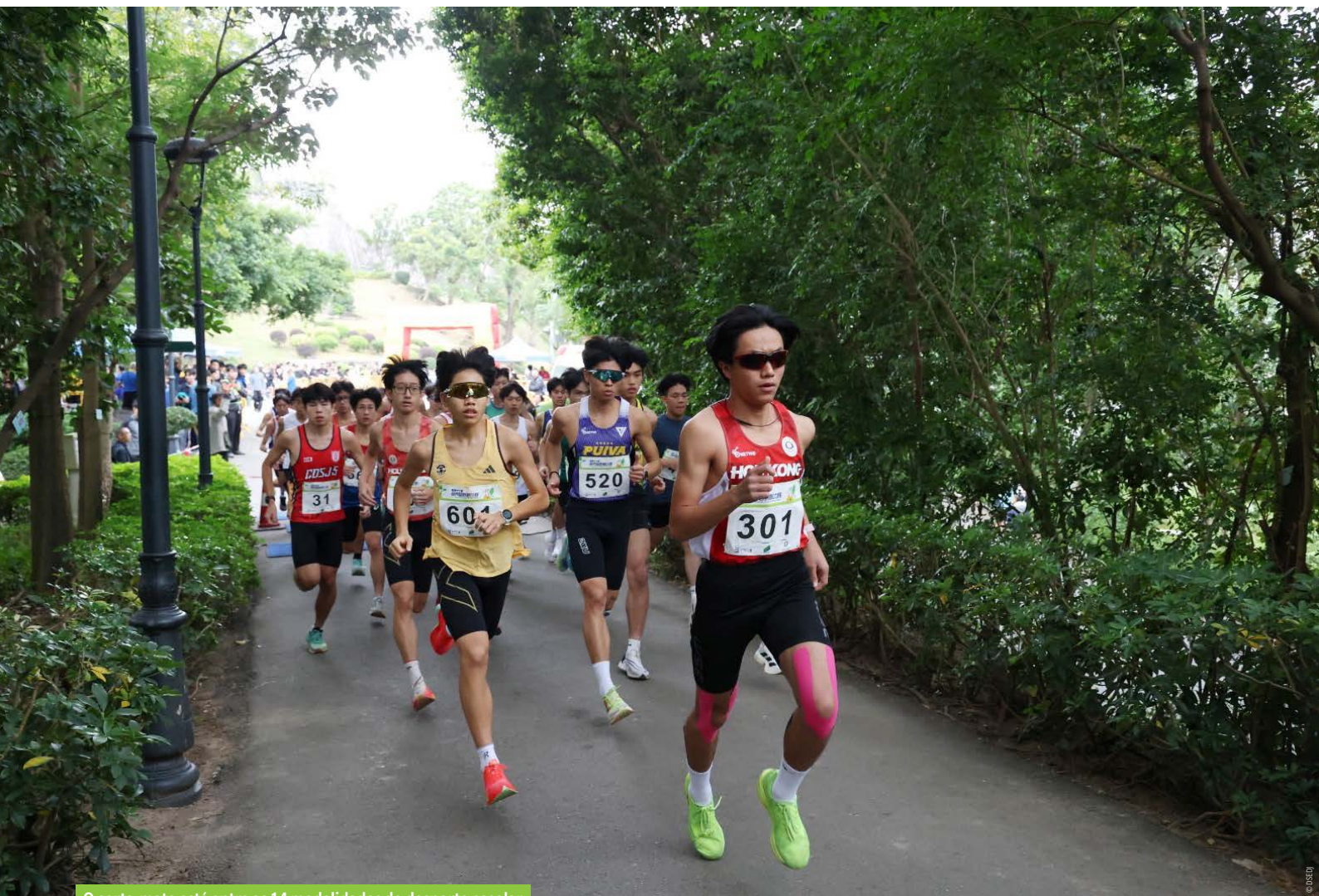
Em Novembro, arrancam as competições, inicialmente na fase de grupos, abrangendo alunos do ensino primário ao secundário, distribuídos pelos escalões A a D e, em algumas

modalidades, também pelo escalão E, destinado aos mais novos. No conjunto, participam crianças e jovens com idades compreendidas entre os seis e os 19 anos.

A DSEDJ pretende continuar a reforçar a articulação entre o sistema educativo e o movimento associativo. Em resposta à Revista Macau, o organismo refere que “continua a colaborar com os serviços desportivos e com as diversas associações

desportivas, no sentido de estabelecer um mecanismo diversificado de selecção e formação de quadros qualificados desportivos juvenis, bem como de aperfeiçoar a constituição de equipas de jovens atletas, de modo a que os jovens com potencial possam receber treinos sistemáticos o mais cedo possível”.

A DSEDJ acrescenta que, “através de um mecanismo de dois níveis, é generalizada a



O corta-mato está entre as 14 modalidades do desporto escolar

prática do exercício físico e proporcionada uma plataforma de desenvolvimento”.

O primeiro nível dirige-se à generalidade dos alunos, procurando fomentar hábitos regulares de actividade física. Para esse efeito existe, por um lado, um currículo que garante aos estudantes do ensino primário e secundário um mínimo de 150 minutos semanais de prática desportiva e, por outro, os projectos da “Escola Dinâmica”, implementados a partir do ano lectivo de 2024/2025.

Inseridos no âmbito das “seis medidas desportivas”, estes projectos incluem o financiamento para aquisição de equipamentos desportivos, a realização de competições interescolares, a criação do Plano de Incentivo “Escola Dinâmica”, o estímulo para que os alunos pratiquem 200 minutos semanais de actividade física integrada, bem como a definição de metas e pequenas tarefas desportivas.

Além disso, adianta a DSEDJ, o estabelecimento da ficha de aptidão física dos alunos permite que “o desporto se torne uma parte integrante e importante da vida escolar”.

No ano lectivo que agora arranca, passará a ser criado um financiamento específico destinado à aquisição de equipamentos e sistemas desportivos inteligentes pelas escolas, “de modo a orientar os alunos a praticarem desporto, tornando-o um hábito permanente em prol de uma vida saudável”, acrescenta o organismo.

O segundo nível destina-se aos alunos que revelam interesse e

potencial desportivo. Nesse âmbito, realizam-se diversas competições escolares, ao mesmo tempo que é apoiada a participação dos estudantes em provas regionais e internacionais, incentivando as escolas a seleccionar e desenvolver “talentos desportivos com potencial”.

Paralelamente, o Plano de Financiamento para o Desenvolvimento das Escolas, integrado no Fundo Educativo, prevê subsídios específicos para apoiar actividades desportivas extracurriculares diversificadas e acções de formação especializada.

EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL

Para além dos campeonatos realizados anualmente na cidade, são constituídas equipas e selecções escolares para representarem Macau em competições internacionais e regionais. O objectivo, explica a DSEDJ, é criar uma “plataforma de intercâmbio para os alunos acumularem diversos tipos de experiência competitiva”.

Em 2026, Macau participou no Mundial de Basquetebol para Alunos do Ensino Secundário, disputado em Zlatibor, na Sérvia. Marcou igualmente presença no Mundial de Voleibol do mesmo escalão, realizado em Shangluo, na província de Shaanxi, e na Nike China High School Basketball League, em Pequim, onde a equipa masculina atingiu, pela primeira vez, os oitavos-de-final da competição nacional. As equipas escolares participaram ainda em torneios de basquetebol e

futebol na região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

A DSEDJ adianta igualmente que continua a aperfeiçoar o mecanismo de formação de atletas escolares, realizando “de forma regular” treinos centralizados nas modalidades de voleibol e basquetebol.

“Através de um treino sistemático e regular, pretende-se elevar o nível técnico e a aptidão física geral dos alunos-atletas. Ao mesmo tempo, combinando diversos indicadores como a capacidade específica e a condição física, procede-se à selecção de novos talentos com potencial no âmbito dos treinos das equipas escolares e das diversas competições escolares”, salienta.

Para reforçar esse trabalho, a DSEDJ e o Instituto do Desporto vão lançar, no ano lectivo de 2026/2027, um novo plano base para a formação de “atletas de elite escolares”. A iniciativa pretende estabelecer, “de forma inovadora”, um mecanismo de articulação entre o desporto associativo e o desporto das escolas do ensino não superior.

O PRIMEIRO PALCO

É no contexto escolar que muitos jovens atletas têm o primeiro contacto com a competição organizada. Para alguns, os campeonatos interescolares constituem a porta de entrada para o desporto federado; para outros, representam um complemento indispensável ao trabalho desenvolvido nos clubes. Em comum, todos reconhecem o papel da escola na descoberta e formação de novos talentos.

Miguel Rezende é um desses exemplos. Representa a Escola Portuguesa de Macau (EPM) nos campeonatos interescolares e joga igualmente pelo Chiba na Liga de Elite, o primeiro escalão do futebol em Macau.

“O desporto escolar foi o meu primeiro laboratório de competição”, começou por dizer à Revista Macau. “Foi aí que aprendi com a pressão de jogar com público, com a arbitragem e com a exigência táctica antes de chegar aos treinos federados.”

Para o estudante de 18 anos, o desporto escolar “é a base da pirâmide”, uma vez que “muitos em

Macau nunca vão para um clube, porque as famílias não têm tempo, ou recursos, mas vão à escola”.

Depois de cerca de oito anos a competir nos campeonatos organizados pela DSEDJ, considera que “o desporto escolar é o único olheiro gratuito e universal”.

“É lá que se descobrem miúdos que têm coordenação, velocidade ou altura, mas que nunca se tinham visto num contexto competitivo”, sustenta.

Na sua opinião, “se não houver campeonatos escolares bem organizados, vamos perder atletas por falta de visibilidade”. Por isso, acredita que, “para o futuro

de Macau, é fundamental que os clubes olhem para as escolas como viveiros, e não como concorrentes”.

Miguel Rezende entende igualmente que a ligação entre o desporto escolar e o federado deve ser “prática e burocraticamente leve”, apontando um caminho concreto: “As escolas e as associações devem sentar-se para evitar sobreposição de provas, para que um jovem atleta não tenha de escolher entre o campeonato escolar e o federado.”

Questionado sobre a evolução do desporto escolar em Macau, o jovem atleta considera que houve progressos, embora admita que estes têm ocorrido “a passos lentos”.

EVOLUÇÃO CONSTRUÍDA AO LONGO DE DÉCADAS

Se hoje existe um consenso quanto ao papel do desporto escolar, nem sempre foi assim. Quem o recorda é Cândido de Azevedo, antigo professor de Educação Física em Macau e antigo responsável de departamento no então Instituto dos Desportos de Macau.

Na sua leitura, durante muitos anos o sistema não conseguiu articular devidamente duas realidades que deveriam caminhar lado a lado: o desporto escolar e o desporto associativo. “Há algumas décadas, não era possível esse acompanhamento, dadas as características próprias de duas comunidades distintas, o desporto escolar e o associativo”, descreve Cândido de Azevedo.

Formado em Ciências do Desporto, o antigo professor salienta que “uma política desportiva que se pretenda séria implica que se domine e solucione questões essenciais”.

Cândido de Azevedo recorda que foi apenas em meados da década de 1990, aquando do seu ingresso no então Instituto Politécnico de Macau – actual Universidade Politécnica de Macau –, que se começou a verificar uma mudança de paradigma e a “dar passos mais acertados na dinâmica desportiva local”.

Três décadas depois, o cenário é substancialmente diferente. Escolas, associações e Governo reconhecem hoje a importância do desporto escolar como ponto de partida para a formação de atletas e para a promoção de hábitos de vida saudáveis.

OPORTUNIDADE PARA MOSTRAR POTENCIAL

Também Eduardo Macedo repara a actividade entre os campeonatos escolares e o futebol federado. O jovem, de 17 anos, representa igualmente a EPM, enquanto no campeonato local alinha pelo MUST IPO.

Na sua perspectiva, a participação nos campeonatos interescolares permitiu-lhe ganhar experiência competitiva, melhorar o trabalho em equipa e desenvolver as capacidades técnica e táctica.

“Tudo isso contribuiu para a minha evolução como jogador federado”, afirma.

Considera igualmente que o desporto escolar desempenha um papel essencial por permitir que muitos jovens tenham um primeiro contacto com a competição e possam revelar as suas



Macau promove regularmente a participação de seleções escolares em competições internacionais e regionais

capacidades. “É uma boa forma de identificar talentos que não participam no campeonato federado e motivar os alunos a continuarem a praticar desporto.”

Quanto à articulação entre escolas e associações, defende uma colaboração mais estreita, assente na “partilha de informação, acompanhamento dos atletas e mais oportunidades para os alunos mais destacados se integrarem em equipas federadas”.

A mesma ideia é partilhada por Annie Leong On Ieng, uma das principais atletas de voleibol de praia de Macau. A jogadora iniciou o percurso nos campeonatos escolares quando frequentava o

4.º ano do ensino básico e competiu durante cerca de oito temporadas naqueles campeonatos.

A atleta recorda esse período como determinante para a sua formação. “Quando os alunos se esforçam tanto nos treinos, precisam de competição para saberem em que aspectos podem melhorar e também para treinarem a sua mentalidade”, diz.

A competição escolar, acrescenta, é igualmente importante “para aprenderem como reagir em caso de derrota, ou a não serem demasiado arrogantes quando vencem”.

Embora reconheça a evolução do voleibol em Macau, entende que continuam a existir

limitações ao nível das infra-estruturas, defendendo que devem ser construídos mais campos de voleibol para se continuar a desenvolver o desporto.

UMA COLABORAÇÃO PERMANENTE

A importância do desporto escolar não se limita, contudo, à identificação de talentos. Para Dominic Masters, licenciado em Ciências do Desporto e do Exercício e antigo responsável por equipas de futebol da Escola Internacional de Macau (TIS, na sigla em inglês), trata-se também de um instrumento fundamental de formação pessoal.

Actualmente coordenador do ensino secundário da TIS, Dominic Masters considera que o desporto escolar transmite valores como “espírito desportivo, respeito, esforço e trabalho em equipa”, apontando duas razões principais para a sua relevância.

A primeira prende-se com o facto de criar oportunidades, “proporcionando a muitos alunos o contacto constante com diferentes desportos e actividades, pelo que não se depende de descobertas fortuitas fora da escola”.

A segunda resulta da possibili-

dade de “professores e treinadores poderem identificar talentos e incentivar os alunos a explorarem e desenvolverem ainda mais as suas aptidões”.

Na sua perspectiva, para que a ligação entre escolas e associações seja eficaz, deve assentar “numa colaboração estruturada e contínua”.

Entre as medidas que considera prioritárias está o reforço da capacidade de treino durante o horário escolar e o estabelecimento de parcerias permanentes com clubes e academias.

De acordo com Dominic Masters, cada interveniente deve desempenhar funções bem definidas. “As associações fornecem conhecimentos especializados e estruturas de treino, enquanto as escolas proporcionam acesso à participação, segurança e uma estrutura de participação regular.”

Na sua opinião, quando estas condições estiverem reunidas, “é muito mais provável que o objectivo – participação em primeiro lugar, competição em segundo, desenvolvimento de talentos ao



longo de todo o processo – se concretize”.

Na TIS, explica, a participação continua a ser a prioridade. Os alunos são incentivados a experimentar diferentes modalidades, independentemente do nível inicial, sendo a competição introduzida de forma gradual.

Mais importante do que os resultados é a formação do carácter. “O espírito desportivo, o respeito, o esforço e o trabalho em equipa são ensinados e reforçados – a vitória pode ser um resultado destes valores, mas isso não é a prioridade quando se promove o desporto para todos.”

A escola privilegia igualmente uma formação diversificada. “A escola apoia a progressão, primeiro através da experiência, e só depois cria percursos competitivos”, razão pela qual os alunos são incentivados a praticar diferentes modalidades.

OLHAR ALÉM-FRONTEIRAS

Para Nuno Marques, professor de Educação Física na EPM, o desporto escolar só consegue cumprir plenamente a sua missão quando é sustentado por uma estrutura competitiva sólida.

No ano lectivo passado, acompanhou sobretudo a ginástica, mas esteve igualmente ligado ao atletismo de pista, ao corta-mato, à escalada e ao futebol feminino.

Na sua opinião, “o desporto escolar, quando bem estruturado, com uma vertente competitiva bem planeada, proporciona aos jovens praticantes oportunidades de melhorarem na modali-

dade que praticam e desenvolvem aptidões competitivas”.

Macau, porém, tem a particularidade da sua dimensão, com Nuno Marques a defender que seria “benéfico” para os atletas locais que houvesse uma “maior ligação, a nível competitivo, às regiões vizinhas”.

“Se isso acontecesse, haveria oportunidade de aumentar a capacidade de interacção a nível competitivo, pelo menos em alguns desportos que tenham menos expressão em Macau, o que levaria a um maior desenvolvimento”, realça o professor. “É difícil qualquer desporto obter algum desenvolvimento e progressão se não houver um quadro competitivo que proporcione essa entrega e o alcançar de objectivos.”

Na sua opinião, é necessário um maior investimento – envolvendo um maior número de escolas, infra-estruturas e competições – para acelerar o desenvolvimento do desporto escolar em Macau.

Também ao nível das modalidades há margem para crescer, sublinha. Dá como exemplo a ginástica e a escalada, mas salienta que mesmo nas modalidades mais consolidadas, como o futebol, o voleibol ou o basquetebol, há espaço para melhorias. “Estes desportos acabam por ter o período competitivo concentrado numa pequena margem de meses e depois não há seguimento”, remata.

APROXIMAR CLUBES E ESCOLAS

A necessidade de reforçar a cooperação entre escolas e associa-

ções é igualmente destacada por Paulo Cheang, professor e treinador de equipas do Colégio Anglicano de Macau (MAC, na sigla em inglês).

Segundo o professor, o desenvolvimento do desporto escolar não só promove uma maior colaboração entre escolas e famílias, como constitui também um instrumento importante para descobrir novos talentos. “Ajuda as associações e equipas desportivas ao fornecer jovens jogadores promissores, assim como auxilia os alunos a desenvolverem as suas competências específicas.”

Defende, por isso, um envolvimento mais directo das associações desportivas no quotidiano das escolas. “Se as associações desportivas puderem colaborar com algumas escolas, disponibilizando equipas de treinadores para fins educativos e promocionais, tal contribuirá de forma eficaz para o desenvolvimento do desporto e, acima de tudo, ajudará a identificar e a cultivar o talento desde cedo.”

O futebol, reconhece, ocupa um lugar de destaque. No último ano lectivo, a MAC alcançou o segundo lugar nos escalões A e B dos campeonatos escolares, apenas atrás da Escola de Aplicação Anexa à Universidade de Macau e da Escola das Nações, respectivamente.

Grande parte dos jogadores da equipa escolar pertence já a clubes locais. Para estes jovens, acrescenta, representar a escola assume um significado muito particular. “Para eles, é como se fosse a selecção nacional.” ■

O poder congregador da dança

Foto-reportagem
de **Chan Weng Kin**

O Festival Juvenil Internacional de Dança é um evento cultural com longos pergaminhos em Macau. Organizado a cada dois anos desde 1987, está actualmente a cargo da Direcção dos Serviços de Educação e de Desenvolvimento da Juventude, posicionando-se como uma plataforma de intercâmbio cultural através da dança. A edição mais recente decorreu em Julho, tendo trazido à cidade dezenas de jovens do exterior, aos quais se juntaram muitos outros de Macau. Um dos pontos altos voltou a ser o desfile que ligou as Ruínas de S. Paulo ao Largo do Senado, atraindo um grande número de espectadores para, em pleno Centro Histórico de Macau, vibrarem com as actuações ao vivo dos mais de 800 participantes, distribuídos por 33 grupos.













A Macau que o tempo *guardou*

Cresceu em dias incertos que transformaram Macau, e a sua vida confunde-se com a própria história da modernização da cidade. Entre o serviço público, o desporto, a rádio e o associativismo, **Frederico Cordeiro** deixou marca em algumas das instituições mais emblemáticas da região. Fundador do Lusitânia Sport Clube e figura central no renascimento da Irmandade de Santo António de Lisboa (Macau), olha hoje para uma Macau feita de memórias, afectos e comunidade

Texto **Marco Carvalho**
Fotografia **Oswald Vas**

Encontrou no desporto – primeiro como atleta e, depois, como dirigente – o pêndulo com que compassou um percurso que se adivinhava, desde a infância, exigente e laborioso. Nascido no seio de uma família numerosa, onde as privações e as dificuldades eram o pão de cada dia, Frederico Cordeiro fez do hóquei em campo – e, em menor medida, do futebol – uma ferramenta de afirmação social e um trampolim para uma existência a que procurou dar sempre um sentido mais profundo.

No há muito desaparecido Campo da Caixa Escolar, onde agora se espraia a Praça do Tap Seac, tornou-se um atleta de eleição – um dos poucos filhos da terra a ter envergado a camisola da selecção por-

tuguesa de hóquei em campo nas arenas internacionais. Depois de dar descanso ao stick, fundou o Lusitânia Sport Clube e transformou a paixão pela modalidade, hoje bem menos fulgurante do que nas décadas douradas de 1960 e 1970, num estandarte de união.

Homem de fé e de convicções inabaláveis, herdou dos pais a crença absoluta na presença do divino em todas as coisas e foi um dos grandes obreiros do ressurgimento de uma das mais antigas confrarias religiosas de Macau, a Irmandade de Santo António. Aos 86 anos, Frederico Cordeiro abre o livro sobre uma Macau que se tece com os fios delicados da saudade e do resplendor da memória.

1 Fé que dobra montanhas

Cresceu no meio de um rancho de gente, cinco irmãos e três irmãs confinados numa moradia parca demais para tanto rodopio, num arruamento de almas remediadas, mas felizes. Nos anos que precederam o inferno da Guerra do Pacífico, a **Rua Nova de São Lázaro** era uma coutada eminentemente macaense.

A casa onde Frederico Cordeiro viveu a meninez encimava o caminho, a do tio fechava a rua e, lá pelo meio, moravam os Mendonça e os Xavier, cada um com o seu próprio rebanho de crianças. Onde há ganapada, há vida. O empedrado das artérias do bairro pulsava com berros, gargalhadas e a explosiva alegria da infância, num manancial de vida que desaguava no largo da Igreja de São Lázaro com a mesma naturalidade com que um rio se lança ao mar.

“Comecei a jogar hóquei e futebol no adro da Igreja de São Lázaro. Fazia parte de um grupo de seis, sete miúdos que praticavam hóquei. Jogávamos com uma bola de ténis e equipamento improvisado”, recorda Frederico Cordeiro.

Palco privilegiado de jogos e brincadeiras, a Igreja de São Lázaro nunca foi, porém, para o clã Cordeiro, berço espiritual. O estatuto pertenceu desde sempre à Igreja de Santo António, na vertente oposta da Colina do Monte, cujo rigor neoclássico serviu durante décadas como cenário predilecto aos enlances de boa parte da comunidade macaense.

Frederico Cordeiro não foi

excepção: “Os meus pais eram muito devotos de Santo António e transmitiram esta devoção a toda a família. É muito natural que tenhamos seguido os caminhos que foram traçados pelos nossos pais”, considera o antigo funcionário público. “Casei na Igreja de Santo António, comemorei as bodas de prata na Igreja de Santo António e foi ali que celebrei não só as bodas de ouro, como também as bodas de diamante. Praticamente toda a minha família tem uma imensa devoção a Santo António”, acrescenta.

2 Campo dos sonhos

A arraigada devoção ao milagreiro português, patrono dos bons casamentos e advogado dos objectos perdidos, converteu-se em responsabilidade quando Frederico Cordeiro assumiu um papel central no desígnio de resgatar a Irmandade de Santo António a um declínio que parecia irremissível. A perspectiva morava, contudo, num futuro distante e nebuloso quando, ainda adolescente, pisou pela primeira vez o garboso relvado do **Campo da Caixa Escolar**.

“Entrar naquele campo era um ritual sagrado. Havia uma pessoa que estava incumbida de zelar pelo relvado, para que se mantivesse sempre perfeito. O campo era cilindrado uma vez por semana, parecia relva sintética. Era um relvado lindo”, recorda o antigo hoquista.

Instituída por portaria governamental em Maio de 1919 com o objectivo primordial de apoiar

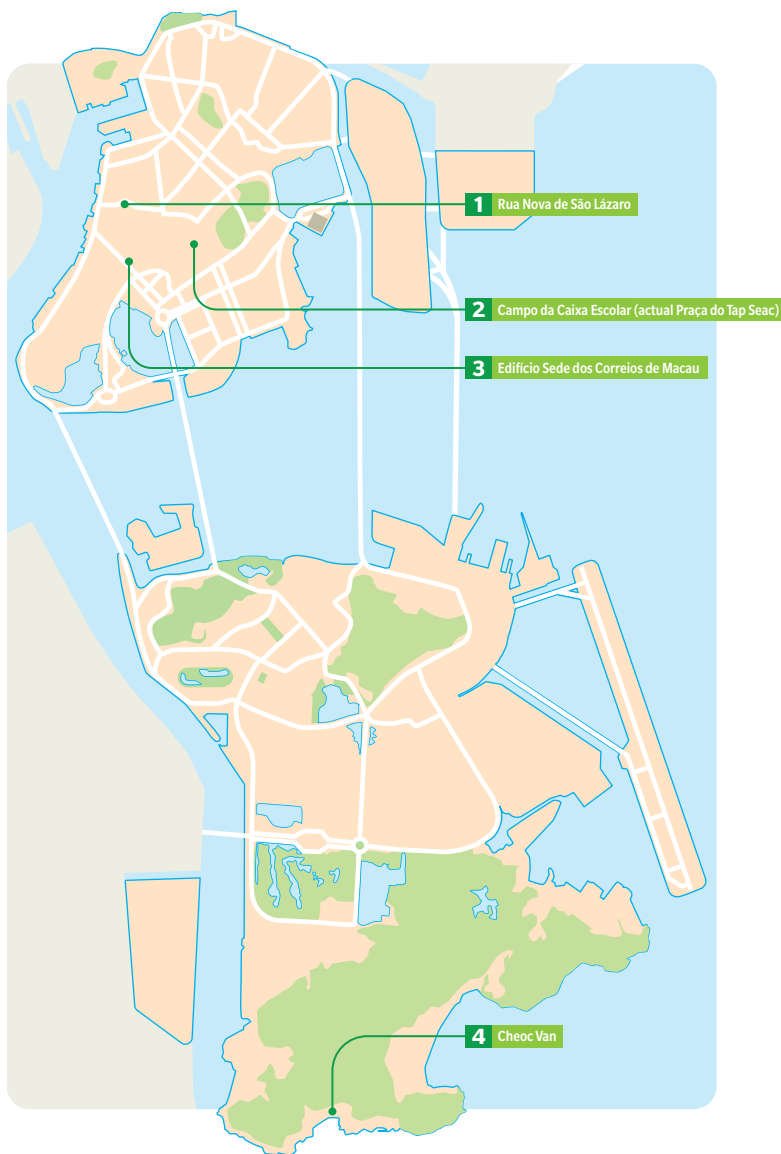
os alunos carenciados das escolas públicas de Macau, a Caixa Escolar de Macau converteu-se, inadvertidamente, no centro nevrálgico do desporto local e no maior viveiro de campeões que Macau conheceu, entre eles, Frederico Cordeiro.

“No complexo da Caixa Escolar, havia um campo, com o piso meio em relva e meio em areia, e nós íamos para lá jogar enquanto a malta do Hóquei Clube de Macau treinava no relvado principal. Um dia, o tenente Filipe O’Costa, que tinha regressado para preparar a equipa tendo em vista a participação nos Jogos Olímpicos de Melbourne, viu-nos a jogar e falou com o Herculano Rocha para que eu e um outro miúdo nos juntássemos a eles. Foi aí que tudo começou”, conta.

“O Campo da Caixa Escolar recebeu grandes jogos. Todos os anos disputávamos a Taça Spalding com uma equipa de Hong Kong. Era um intercâmbio anual que se disputava alternadamente ora em Macau, ora em Hong Kong”, acrescenta. “Quando o Interport se realizava em Macau, o Campo da Caixa Escolar estava todo vedado, com barreiras de palha e de bambu. O bilhete custava 50 avos e as bancadas estavam sempre cheias.”

3 A irmandade do éter

Jovem e talentoso, o hoje presidente honorário da Associação de Hóquei de Macau equilibrou durante décadas a paixão pela modalidade com uma disciplina profissional inexcelável. Frederico Cordeiro dedicou 26



exigentes e longos anos aos **Correios de Macau** e, durante uma boa parte deles, combinou o expediente postal com uma outra fonte de sedução. A partir das cinco e meia da tarde, a Emissora de Radiodifusão de Macau reclamava a sua presença no éter e Frederico Cordeiro era um dos que faziam a magia acontecer.

“Quando estava nos Correios, o meu chefe era o Fernando Macedo Pinto, um dos fundado-

res do Grande Prémio de Macau. O Macedo Pinto perguntou-me um dia se eu queria trabalhar fora do horário de expediente na Emissora da Radiodifusão de Macau. Eu disse logo que sim”, esclarece.

Dirigida por Alberto Alecrim, a antecessora da actual Rádio Macau emitia, numa primeira instância, a partir do Edifício Sede dos Correios, no Largo do Senado. Foi lá, com vista privile-

giada para o coração pulsante da cidade, que Frederico Cordeiro se deixou arrebatado pelo magnetismo e pelo fascínio das ondas hertzianas. Entre a torre dos Correios e a Rua de Pedro Coutinho, para onde as instalações da radiodifusão foram posteriormente transferidas, o antigo atleta abraçou a magia da rádio durante 18 anos.

“O serviço nos CTT terminava às cinco e um quarto da tarde e depois começava na rádio. Trabalhava até às oito da noite, altura em que havia mudança de turno e um outro colega assumia a emissão. No dia seguinte, era o contrário. Eu entrava às oito e saía às onze horas. No terceiro dia, folgava. Foi um período bastante bom da minha vida”, realça.

4 Um mergulho no passado

Na Macau em que Frederico Cordeiro cresceu e se fez homem, o tempo diluía-se de outro modo. Longo e indolente, o estio impunha uma sede ilusória de frescura e a população encontrava em dois refúgios bem distintos uma forma de paliativo para a persistente languidez dos meses quentes. A zona onde agora está o reservatório e onde se ergue o Terminal Marítimo do Porto Exterior transformava-se num cenário de animado convívio, com a instalação de dezenas de barracas de banho. Suspensas sobre as águas e alugadas por temporada, as frágeis, mas confortáveis edificações eram o lugar onde dezenas de famílias locais desencantavam a felicidade dos pequenos gestos nas idas a banhos, numa época em que a cidade desconhecia o



A Igreja de Santo António acompanhou o percurso de vida do antigo atleta

ritmo febril do turismo moderno e as deslocações se faziam a pé ou de riquexó.

“Na altura do Verão, as barracas de banho eram ponto de paragem obrigatório. Não havia piscinas, mas na zona onde agora atracam os jetfoils estava tudo coberto por barracas. Eram feitas e exploradas por meia dúzia de empreendedores. Umas eram feitas para vender, outras para alugar. Eu e os meus irmãos alugávamos uma barraca e íamos para lá nadar”, conta Frederico Cordeiro.

Em contraste com a natureza semi-urbana das barracas de veraneio, a travessia para Coloane exigia um planeamento quase ritualístico. Antes de se planificar

uma visita à ilha, então remota e quase deserta, era necessário consultar escrupulosamente as tabelas das marés. O vapor lento que ligava a península às ilhas demorava quase uma hora a vencer o canal. O regresso estava inevitavelmente sujeito ao capricho das águas, sob pena de se ficar retido a meio do caminho.

“Entre a Barra, em Macau, e a Taipa, o barco levava meia hora. Para chegar a Coloane era necessária mais meia hora, mas nem sempre o barco fazia a última parte da viagem, por causa da maré. Tínhamos um livro com as tabelas da maré e, quando chegávamos a Coloane, tínhamos de agendar o nosso regresso tendo

em conta a dança das marés. Tínhamos de voltar logo às cinco, porque às sete a maré baixava e apanhávamos lodo”, acrescenta.

Uma vez em terra, Cheoc Van ficava à distância de uma pequena e aprazível caminhada. Na pequena enseada, a recompensa era o silêncio e a partilha de farnéis em família, em dias pausados pela simplicidade e pela cumplicidade dos afectos. “Havia uma estrada de pedra e nós caminhávamos até **Cheoc Van**. Quando lá chegávamos, estendíamos uma toalha no areal e fazíamos um piquenique”, recorda. “As melhores memórias estão sempre ligadas à juventude, não é?”, remata Frederico Cordeiro. ■

Ao sabor da *memória*

Há cozinhas que vivem da tradição e outras que vivem da inovação. No Aji, ambas ocupam o mesmo lugar à mesa, com o objectivo de transformar memórias em pratos. As da infância do chef **Pan Sihui**, as da diversidade cultural de Singapura e as de uma Ásia que se cruza com os ensinamentos da elevada cozinha francesa



Texto **Fernando Ferreira**

Há uma pergunta que Pan Sihui responde sem hesitar e que parece contrariar a imagem de um chef distinguido com uma estrela Michelin. Quando lhe perguntam pelas primeiras recordações ligadas à comida, não fala de receitas de família nem de aromas que evocam a casa. “A minha mãe cozinhava muito mal”, diz entre risos.

A frase ajuda a explicar muito daquilo que hoje acontece no Aji. Crescer numa casa onde as refeições raramente despertavam entusiasmo fez com que comer fora fosse sempre um acontecimento especial.

Nascido e criado em Singapura, Pan Sihui cresceu num dos locais mais multiculturais da Ásia, onde comunidades chinesas, malaias, indianas e euroasiáticas convivem diariamente. Essa diversidade encontra expressão nos “hawker centres”, as populares praças de comida de rua.

“Podíamos comer um bife com molho de pimenta preta, ao lado havia arroz de frango de Hainão, comida indiana ou satay malaio. Cada pessoa da família pedia uma coisa diferente e acabávamos todos a partilhar”, recorda.

Foi ali que começou a construir aquilo a que chama hoje o seu “banco de sabores”, uma memória gustativa que continua a alimentar a criatividade da cozinha. “Essa diversidade enriqueceu muito o meu paladar e ajudou bastante na minha carreira.”

A infância ensinou-lhe também uma lição que continua a orientar o trabalho ainda hoje. Aos oito anos, provou a primeira pizza. Parecia irresistível, mas revelou-se uma enorme desilusão. “Foi aí que percebi que a comida pode parecer bonita, mas se não souber bem, ninguém a vai querer comer.”

Desde então, a regra mantém-se inalterada: “Primeiro vem o sabor. Depois a textura. Só no fim pensamos na apresentação.”

Essa filosofia tornou-se ainda mais evidente desde que assumiu a liderança do Aji, em 2023. Sob a sua direcção, o restaurante conquistou a primeira estrela Michelin, em 2025, e consolidou-se como uma das referências da cozinha asiática contemporânea em Macau.

Apesar da distinção, Pan Sihui procura não colocar rótulos. “Eu nunca vejo o Aji como um restaurante de fine dining. Vejo-o como um restaurante com sabores refinados”, afirma. “Queremos que

as pessoas desfrutem da comida. É isso que significa ‘Aji’.”

Em japonês, “aji” quer dizer sabor, mas também provar, saborear e apreciar. “Queremos que os clientes provem a comida, apreciem a bebida e desfrutem da experiência”, explica Pan Sihui.

A MEMÓRIA COMO INGREDIENTE

A cozinha que hoje apresenta resulta de um percurso internacional. Formado no Culinary Institute of America, Pan Sihui trabalhou em restaurantes de luxo em Singapura, Pequim, Xangai, Camboja e França antes de chegar a Macau.

Foi precisamente em França que uma conversa com um dos seus mentores mudou a forma como encarava a cozinha. O jovem cozinheiro queria aprender a reproduzir um molho clássico francês exactamente como era preparado. O chef respondeu-lhe que isso seria impossível.



O Aji recebeu já várias distinções, entre elas uma estrela Michelin

“Disse-me que eu nunca conseguiria reproduzir verdadeiramente aquele sabor porque não cresci em França.” O conselho foi outro: compreender os princípios da cozinha clássica e criar uma identidade própria.

“O meu chef dizia-me que podia aprender tudo sobre cozinha francesa, mas nunca teria o sotaque parisiense.” A metáfora continua a orientar a sua forma de cozinhar.

Quando começa a desenvolver um prato, Pan Sihui raramente parte de um ingrediente. Parte quase sempre de uma memória. “Pergunto a mim próprio do que gostava quando era criança. Vou juntando essas memórias e construo um prato.”

Mesmo quando utiliza produtos associados à cozinha francesa, procura reinterpretá-los através da sua própria experiência. O foie gras servido no Aji mantém a estrutura clássica do prato, mas substitui sabores europeus por ingredientes asiáticos. “O princípio continua a ser o mesmo. Mas a interpretação é minha.”

Por isso, rejeita a ideia de que tradição e inovação estejam em conflito: “O que hoje é inovação, um dia será tradição.”

HISTÓRIAS SERVIDAS À MESA

A identidade do Aji constrói-se precisamente nessa ligação entre memória e cozinha. Um dos pratos mais pessoais chama-se “East Coast Night”. À primeira vista, parece uma combinação sofisticada de camarão e conhaque. Na realidade, é uma recordação de infância.

Quando era pequeno, Pan Sihui visitava frequentemente a zona

de East Coast, em Singapura, conhecida pelos restaurantes de marisco. Foi ali que descobriu o “espectáculo” dos chamados “drunken prawns”, preparados à mesa, entre vapor, álcool e aromas intensos. “Foi a minha primeira experiência de cozinha à mesa.”

No Aji, recria essa recordação através de um camarão cozinhado sobre uma pedra aquecida, onde o conhaque é servido diante dos clientes. O prato incorpora também outra memória. Em criança, o chef quase nunca comia “chili crab” porque os irmãos eram alérgicos a caranguejo. Em casa, preparava-se uma versão com camarão. “É a minha história”, resume. “Ninguém a pode copiar.”

Mas nem sempre trabalhou assim. No início da carreira, admite, preocupava-se demasiado com a aparência dos pratos: “Fazia pratos que pareciam muito bonitos. Mas perguntava pouco a mim próprio se gostava realmente deles.”

A mudança aconteceu quando começou a cozinhar diante dos clientes. “Percebi que, se servisse uma coisa de que eu próprio não gostava, conseguia ver imediatamente a reacção das pessoas.”

PARA LÁ DA ESTRELA MICHELIN

A conquista da estrela Michelin aumentou a visibilidade do restaurante, mas Pan Sihui garante que o reconhecimento não alterou a filosofia da equipa. “O guia foi uma boa confirmação de que estamos a fazer muitas coisas correctamente. Mas também nos lembra todos os dias de que ainda há muito para melhorar.”

Todos os comentários dos clientes chegam até si. Mesmo os mais insignificantes: “Tenho de perceber se é uma preferência pessoal ou se existe realmente um problema.”

Recorda um caso em que um cliente considerou um prato demasiado ácido. Em vez de desvalorizar a observação, refez toda a receita e descobriu que os “yuzu” utilizados naquela semana apresentavam uma acidez superior ao habitual. “Tivemos de reajustar os temperos”, explica.

Para o chef, cozinhar significa adaptar-se constantemente. “Os ingredientes mudam todos os dias. O peixe muda. Os citrinos mudam. O cozinheiro também tem de mudar.”

Instalado no MGM Cotai, o Aji acumulou já outras distinções, entre elas um Diamante no Black Pearl Guide.

Pan Sihui acredita que Macau reúne hoje condições únicas para afirmar essa ambição. O crescimento do turismo gastronómico, a presença dos grandes resorts e a realização de eventos internacionais ajudaram a transformar a cidade num dos destinos culinários mais relevantes da Ásia. “Há muita gente que vem a Macau especificamente para comer”, diz.

Ainda assim, insiste que nenhum prémio substitui aquilo que considera ser o verdadeiro objectivo de um restaurante. Seja pela comida, pelo serviço ou simplesmente por terminarem um dia difícil de uma forma melhor, Pan Sihui sabe bem o que espera que os clientes levem consigo depois de uma refeição: “Felicidade.” ■

ESPECTÁCULO

Ecoss do Barroco

Uma das tradições vocais há muito perdidas da música antiga europeia são os “castrati”, os últimos dos quais morreram há mais de um século. Tratava-se de cantores castrados na infância para manterem a sua voz aguda de criança, mas com a potência e a capacidade pulmonar de um homem adulto.

Actualmente, cabe aos contratenores dar vida ao repertório escrito especificamente para “castrati” – por exemplo, óperas barrocas de compositores como George Frideric Händel (1685-1759) e Antonio Vivaldi (1678-1741). Estes intérpretes recorrem ao falsete e outras técnicas para emitir notas agudas com grande controlo, agilidade e ressonância.

Neste concerto pela Orquestra de Macau, o contratenor canadiano de origem persa Cameron Shahbazi actuará sob a batuta do britânico Laurence Cummings (na foto), director musical da também britânica – e muito prestigiada – Academia de Música Antiga. Da liturgia católica e das cantatas luteranas às árias de ópera, o programa inclui uma selecção de melodias barrocas pensadas para o registo “castrati”, saídas do punho de mestres como Händel e Vivaldi, além de Johann Sebastian Bach (1685-1750).



© ORQUESTRA DE MACAU

Laurence Cummings e a Orquestra de Macau

Local Igreja da Sé
Data 24 de Outubro
Horário A anunciar pela organização
Preço A anunciar pela organização



EXPOSIÇÃO

Guangdong na tela

São raras as exposições dedicadas às pinturas de Guangdong da dinastia Qing (1644-1911), mesmo em regiões onde esses trabalhos abundam, como Guangzhou e Hong Kong. Daí a relevância desta mostra, organizada pelo Museu de Arte de Macau em parceria com o Museu de Guangdong (Museu Lu Xun de Guangzhou), o Museu de Arte de Guangzhou e o Museu de Arte de Hong Kong.



© INSTITUTO CULTURAL

Em exposição estão 136 peças de 54 artistas, cobrindo toda a dinastia e vários dos grandes nomes da pintura de Guangdong. A maioria dos trabalhos expostos pertence ao acervo do Museu de Arte de Macau, sendo a sua colecção permanente o foco central.

Ao longo de três núcleos temáticos – pinturas de paisagens, de pássaros e flores e pintura figurativa –, a mostra aborda o toque distinto, a exploração temática e a fusão criativa de influências chinesas e ocidentais que definem o trabalho dos artistas de Guangdong durante a dinastia Qing.

“Lucidez numa Era Próspera: Pinturas de Guangdong da Dinastia Qing”

Local Museu de Arte de Macau
Data Até 2 de Novembro
Horário Das 10h00 às 19h00 (encerra às segundas-feiras; aberto aos feriados)
Preço Entrada livre



LIVRO

Na Macau de Maria Ondina Braga

Por iniciativa da Imprensa Nacional Casa da Moeda, de Portugal, a obra completa da escritora lusa Maria Ondina Braga (1922-2003) – que viveu alguns anos em Macau – está agora a ser compilada, num projecto iniciado em 2022. Foram disponibilizados, até ao momento, cinco livros, entre os quais se inclui “Romances. A Personagem. Noturno em Macau”, já datado deste ano.



O volume reúne os dois romances conhecidos da autora, originalmente publicados com um intervalo de 13 anos: “A Personagem”, de 1978, e “Noturno em Macau”, de 1991. Este último é uma obra paradigmática, que condensa o espírito errante de Maria Ondina Braga e explora diversas facetas da condição feminina, transportando o leitor para a Macau dos anos 1960, altura em que a escritora viveu na cidade.

Maria Ondina Braga é amplamente vista como a autora mais cosmopolita da literatura portuguesa do século XX. Nascida em Braga, no norte de Portugal, cedo deixou a cidade para tomar os caminhos do mundo. Além de Macau, viveu em Pequim, passagens que surgem reflectidas na sua obra.

“Romances. A Personagem. Noturno em Macau”

Classificação Temática Literatura e ficção

Autora Maria Ondina Braga

Idioma Português

Páginas 320 páginas

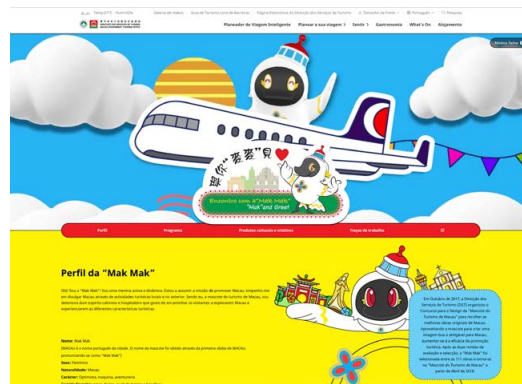
Edição INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda (Portugal)

Preço EUR20,00

NA REDE

Quem quer conhecer a Mak Mak?

A Mak Mak – assim mesmo, no feminino – é uma figura omnipresente por Macau, em particular junto dos lugares mais visitados da cidade. A mascote oficial do turismo local tem mesmo direito a página electrónica própria, onde se pode aprender mais sobre esta curiosa criatura e consultar a sua preenchida agenda.



Entre outras informações, a página electrónica explica que o nome “Mak Mak” tem como origem a primeira parte da denominação em português da cidade – Mac-au. Além disso, os leitores podem descobrir que a mascote é um colhereiro-de-cara-preta, uma espécie de ave migratória que visita anualmente as zonas húmidas da Taipa, do Cotai e de Coloane. O chapéu é inspirado no Farol da Guia, sendo que o padrão que a Mak Mak carrega ao peito alude a uma das janelas da Capela de Nossa Senhora da Guia.

Na página electrónica, são ainda apresentados diversos produtos culturais e criativos que usam a mascote como inspiração. Desde lembranças de viagem a roupas, livros de contos e exposições, são centenas os artigos onde a Mak Mak é protagonista.

“Mak” and Greet

Organização Direcção dos Serviços de Turismo

Classificação Temática Turismo

Idiomas Português, Inglês, Chinês Tradicional, Chinês Simplificado

Website www.macaotourism.gov.mo/pt/article/content/mak-and-greet





Chip no. 35 (2017)

Impressão sobre papel fotográfico inkjet
(80 cm altura x 80 cm largura)

Jeong Man Pan

Nascido em Macau em 1985, obteve em 2008 uma licenciatura em Publicidade na Universidade de Jinan, no Interior da China. Em 2012, completou a sua formação académica com um mestrado em Artes pela Universidade de Chongqing, também no Interior da China, com especialização em fotografia artística.

Fotógrafo freelancer, Jeong Man Pan é fundador do 1844 Macau Photography Art Space. O seu trabalho integra diversas colecções públicas e privadas locais e no exterior.

A sua obra já esteve patente em exposições no Museu de Arte de Macau, no Creative Macau – Centro de Indústrias Criativas e na Casa Garden, assim como na Universidade Politécnica de Pequim, entre outros espaços. Até dia 11 de Setembro, é possível apreciar um grupo de imagens da sua autoria no âmbito da mostra colectiva “Walking Culture 2.0 – Outdoor and Indoor Collective Exhibition”, na Galeria de Exposições das Casas da Taipa, no âmbito do décimo aniversário da Associação Cultural da Vila da Taipa. ■

FELICITA AS COMEMORAÇÕES DO
77º ANIVERSÁRIO DA IMPLANTAÇÃO DA
REPÚBLICA POPULAR DA CHINA



第34屆
澳門
國際煙花
比賽匯演
2026

海上絲路
Rota Marítima da Seda
Maritime Silk Road

MACAO

34.º CONCURSO
INTERNACIONAL DE
FOGO-DE-ARTIFÍCIO
DE MACAU

34th
MACAO
International
Fireworks
Display Contest

12, 19, 25 / 9
1, 4 / 10
21:00, 21:40

燃放地點：澳門旅遊塔對出海面
Local de lançamento: Baía frente à Torre de Macau
Launch location: Seafront of Macau Tower

主辦單位
Organizador
Organizer



澳門特別行政區政府旅遊局
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE



國際煙花比賽匯演
Concurso Internacional de Fogo-de-Artifício
International Fireworks Display Contest

支持單位
Entidades de Apoio
Supporting Entities



媒體合作夥伴
Parceiro da Comunicação Social
Media Partner



場地合作夥伴
Parceiro de Local
Venue Partner

